



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

Rejane Alves de Souza

***Flocos da infância na lírica Palavra:
um estudo da linguagem poética em Grande Baú: a infância,
de Arriete Vilela***

DELMIRO GOUVEIA – AL

2019

Rejane Alves de Souza

Flocos da infância na lírica Palavra:
um estudo da linguagem poética em *Grande Baú: a infância,*
de Arriete Vilela

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão, como requisito final para aquisição do título de licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva.

DELMIRO GOUVEIA - AL

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

S729f Souza, Rejane Alves de

Flocos da infância na lírica palavra: um estudo da linguagem poética em Grande baú: a infância, de Arriete Vilela / Rejane Alves de Souza. – 2019.

58 f.

Orientação: Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Literatura brasileira. 2. Literatura alagoana. 3. Linguagem poética. 4. Infância. 5. Vilela, Arriete, 1949-. I. Título.

CDU: 82-34(813.5)


FOLHA DE APROVAÇÃO

REJANE ALVES DE SOUZA

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Curso de Letras, Campus do Sertão, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, como requisito final para obtenção de título de graduada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovada em 02 / 07 / 2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva (Orientador)

Universidade Federal de Alagoas - UFAL – *Campus do Sertão*



Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes Cunha (Examinador Interno)

Universidade Federal de Alagoas- UFAL – *Campus do Sertão*



Profa. Ma. Cristian Sales (Examinadora Externa)

Universidade Federal da Bahia - UFBA

À memória de meu avô, João Manoel de Souza, por ter sido a poesia da minha infância.

AGRADECIMENTOS

Ao autor de todas as coisas, Deus, por ser minha maior segurança e me fortalecer nas jornadas da vida;

A Nossa Senhora, por me envolver em seu manto protetor e a sua intercessão sempre a me guiar;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva, por toda paciência, dedicação e por representar a poesia em minha vida acadêmica, alguém por quem carrego uma imensa admiração poética;

Aos professores e professoras do *Campus* do Sertão que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, por contribuírem de modo significativo para a minha formação e para a construção desse trabalho;

Ao Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes Cunha e a Profa. Ma. Cristian Sales, por terem aceito o convite para participar da banca;

Ao grupo de estudo NELA (Núcleo de Estudos em Literatura Alagoana), por me apresentar de forma expressiva à literatura alagoana, sendo primordial para o encontro efetivo com a escritora Arriete Vilela e para o meu processo de escrita;

À minha família (Isabel, Gerson, Rafael e Robson), minha base e por todo o apoio dado nesse percurso de estudos;

Ao meu noivo, Marcos, por toda dedicação e amor, além de me ajudar em meus projetos e sonhos;

Às minhas amigas e amigos da igreja, especialmente ao meu Grupo de Oração “Levanta-te”;

À minha turma “Os letrados”, por todo companheirismo durante esse tempo, pessoas por quem tenho um imenso apreço, principalmente por aquelas as quais criei um laço de amizade, e que incessantemente se mostraram disponíveis em compartilhar seus conhecimentos;

Faço um agradecimento especial à Micaella, cuja amizade extrapola os limites da universidade, por todo vínculo afetivo e aprendizados compartilhados durante toda uma vida estudantil, desde a educação infantil;

À Arriete Vilela, pelas obras poéticas que marcaram sensivelmente a minha vida dentro e fora da universidade.

A palavra quando é criação desnuda. A primeira virtude da poesia tanto para o poeta como para o leitor é a revelação do ser. A consciência das palavras leva à consciência de si: a conhecer-se e a reconhecer-se.

PAZ, Octavio

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a linguagem poética, além de possuir um olhar especial para a infância literária em **Grande Baú, a infância**, da escritora alagoana Arriete Vilela. O caminho para a análise se dá no campo dos Estudos Culturais, tomando a linguagem como categoria literária. Percebe-se que os flocos da infância respingam nessa obra como um campo efetivo da palavra poética, a infância é vista como um grande baú, como a guardadora das lembranças, assim, dos subsídios do fazer poético. A análise da obra arrieteana assume, nesse trabalho, uma visão cuidadosa para a própria Palavra, evidencia-se como a autora brinca com a produção literária, bordando sentidos diversos com a linguagem, quebrando até mesmo as formas estruturais. O caminho metodológico é estudar a expressão poética que emana de Vilela, ora prosa, ora poesia se misturam em sua produção literária, cuja metalinguagem é um dos elementos estéticos que marcam essa obra, a literatura de olhada, passa a ser olhante de si mesma. Pretende-se através desse estudo reafirmar a importância da escritora para a literatura local como também nacional. A mesma tem ganhado um destaque que extrapola os limites da tessitura artística e tencionamos que as suas obras sejam cada vez mais conhecidas, lidas e estudadas. Para subsidiar esse trabalho, utilizamos teóricos como: Bachelard (1988; 1993), Bosi (1986; 2000;), Brandão (2001), Compagnon (1999), Dantas (1999), Jouve (2012), Paz (1982), Proença Filho (2007), Perrone-Moisés (1990), Iser (2002).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura alagoana. Linguagem poética. Infância. Arriete Vilela.

ABSTRACT

This research aims to analyze the poetic language, besides having a special look at the literary childhood in **Grande baú, a infância**, of the Alagoan writer Arriete Vilela. The path to analysis is in the field of Cultural Studies, taking language as a literary category. It is perceived that childhood flakes in this work as an effective field of the word poetic, childhood is seen as a great chest, as the keeper of memories, and thus the subsidies of poetic making. The analysis of the Arrietean work assumes in this work a careful vision for the Word itself, it is evident how the writer plays with the literary production, embroidering different senses with the language, breaking even the structural forms. The methodological way is to study the poetic expression that emanates from Vilela, sometimes prose, sometimes poetry blend in their literary production, whose metalanguage is one of the aesthetic elements that mark this work, the literature of glance, happens to be a look of itself. The aim of this study is to reaffirm the importance of the writer for local literature as well as for national literature. It has gained a prominence that goes beyond the limits of the artistic texture and we intend that its works are increasingly known, read and studied. In order to subsidize this work, we use theorists such as Bachelard (1988; 1993), Bosi (1986; 2000), Brandão (2001), Compagnon (1999), Dantas (1999) and Jouve (2012), Paz (1982), Proença Filho (2007), Perrone-Moisés (1990), Iser (2002).

KEY WORDS: Alagoan Literature. Poetic language. Childhood. Arriete Vilela.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
2. DA PALAVRA À PALAVRA ESTÉTICA.....	13
2.1. A artesã da Palavra.....	13
2.3. As relações entre a palavra e a estética.....	18
3. A LINGUAGEM ARTÍSTICA ARRIETEANA.....	25
3.1. Imagens da infância.....	29
3.2. Escrita poética narrativa.....	34
4. A ESCRITORA E A PALAVRA: REVIRANDO O BAÚ.....	39
4.1. De cirandinha aos bilros: o nascimento da palavra poética.....	47
4.2. O Baú: o guardador da literatura.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	57

1. INTRODUÇÃO

Arriete Vilela é umas das grandes vozes femininas da literatura alagoana, emergida na contemporaneidade, abarca temas como o amor, a infância, os desafetos da vida. De maneira especial, a sua escrita brinda reiteradamente a infância, e falar sobre a imagem da infância na literatura nos permite um encontro com as nossas próprias reminiscências. Dona de uma linguagem sensivelmente poética, Vilela ganhou diversos prêmios e tem sido estudada por muitos professores, críticos, estudantes, tendo um alcance para além dos limites geográficos, já consolidada na conjuntura local a sua produção literária tem tido também um alcance no cenário nacional, o que reafirma o valor de suas obras.

O nosso objeto de pesquisa é a obra de contos, **Grande Baú, a infância**, o caminho para a análise se dá no campo dos Estudos Culturais, tomando a linguagem como categoria literária. Percebemos que os flocos da infância respingam nessa obra como um campo efetivo da palavra poética, a infância é vista como um grande baú, como a guardadora das lembranças, ou seja, dos tecidos para a produção poética. Assumimos nesse trabalho uma visão cuidadosa para a Palavra que é uma característica da própria escritora, evidenciamos como ela brinca com a produção literária, bordando sentidos diversos com a linguagem, quebrando até mesmo as formas estruturais.

Vemos em **Grande Baú, a infância**, que as narrativas se debruçam sobre os desprazeres da personagem protagonista, que vivencia com a mãe e o pai relações desafetuosas, e vive um fascínio em observar o mundo misterioso da sua avó. Com efeito, esses desencontros familiares fazem com que a fantasia entre nos espaços sofridos da narradora-personagem para que assim, ela reconstrua sua história por meio da literatura.

Para investigar a produção estética dessa obra utilizamos um olhar voltado para a linguagem artística, como reverberar a metalinguagem presente na tessitura literária. Vemos também como a poesia está entrelaçada nas narrativas, ora poesia, ora prosa constituem marcadamente a sua linguagem, o que representa uma transgressão dos gêneros clássicos, formando a prosa poética.

O nosso objetivo é reconhecer o valor estético da obra arrieteana no objeto de análise, como também uma forma de evidenciar a literatura alagoana como um campo de múltiplas temáticas e tornar visíveis vozes contemporâneas que vem construindo um legado para a nossa cultura literária. Reconhecer as obras de Vilela é significativo para adentrarmos na importância dessa artesã da palavra que ecoa no contexto local e fora dele. A mesma tem ganhado um destaque que extrapola os limites da tecitura artística e tencionamos que as suas

obras sejam cada vez mais conhecidas. Assim, a escrita literária alagoana é de grande importância como um modo de valorizar e reconhecer a nossa identidade.

Para tanto, utilizamos a pesquisa de cunho qualitativo e bibliográfico, tendo por base os estudos teóricos de Bachelard (1988; 1993), Bosi (1986; 2000), Brandão (2001), Compagnon (1999), Dantas (1999), Jouve (2012), Paz (1982), Proença Filho (2007), Perrone-Moisés (1990), Iser (2002). Os quais abordam conceitos importantes acerca da escrita literária, concepções sobre a linguagem artística e como ela se apresenta, ajudando-nos a reconhecer as imagens poéticas, além de tratar de questões como a imaginação, a realidade e o fictício nas obras literárias, contribuindo para a análise das obras arrieteanas, consequentemente tais estudos contribuem de modo importante para a natureza científica da literatura.

O nosso trabalho está dividido em três seções: *Da palavra à palavra estética; A linguagem artística arrieteana*, e por fim, *A escritora e a Palavra: revirando o baú*. Na primeira discutimos o valor literário em Arriete Vilela que se apresenta através da linguagem poética de suas obras, além disso, ressaltamos as relações entre a palavra e a estética, na forma que apreendemos o Belo na sua escrita que se mostra a partir da percepção de que a Palavra é expressão poética. Também analisamos a cultura como uma parte essencial para os escritos literários, abordando os sentidos das novas concepções do Belo estético, e reafirmamos o trabalho da forma e da linguagem em todo conjunto das obras arrieteanas.

Na segunda seção, tratamos da linguagem artística arrieteana marcada pela presença de muitos elementos poéticos, uma escrita que referencia à própria literatura, por esse viés, a metalinguagem quase intuitivamente ganha destaque em seus escritos. Apresentamos também imagens da infância que marcam singularmente as suas obras, imagens que falam sobre uma infância literária, ficcional, e não social ou cognitiva. Além do mais, explanamos acerca da escrita poética narrativa, discutindo prosa e poesia, como o discurso poético se apresenta nas suas narrativas.

Por fim, na última seção refletimos sobre o vínculo da Vilela com a palavra, principalmente como ela tece seus textos, isso se dá através de uma análise sequencial do nosso *corpus*, e assim percebemos como a escritora alagoana trabalha com a produção literária, abordando também o nascimento da escrita literária para a personagem protagonista de **Grande baú, a infância**, a partir da visão do real, fictício e da imaginação como constituintes das obras literárias e como a infância simboliza o baú das memórias, no qual, a autora pode adentrar e tirar a sua literatura.

2. DA PALAVRA À PALAVRA ESTÉTICA

Tomo-o nas minhas mãos. Reinadeiras, essas minhas mãos. Vivem a mexer e remexer... palavras (VILELA, 2015, p. 68).

2.1. A artesã da Palavra

Nesse capítulo exporemos o valor literário manifestado nas obras da escritora alagoana Arriete Vilela¹, além de evidenciar os elementos estéticos marcantes em seus escritos, analisando a arte dentro da perspectiva da Beleza artística. Revigoramos também uma análise de como apreendemos o Belo na linguagem arrieteana que se mostra a partir da percepção de que a Palavra é expressão poética.

Dona de uma linguagem sensivelmente poética, Vilela construiu um caminho de reconhecimento literário que extrapola os limites da tecitura artística. As suas obras têm sido estudadas com louvor por diversos críticos literários, professores, estudantes. Desse modo, essa pesquisa é mais uma forma de reverberar o espaço que a escritora alcançou no cenário literário.

Na poesia e na prosa, a autora alagoana se desvela uma artista multifacetada. Muitas de suas obras anunciam a preocupação com o fazer literário, em outras, revelam-se as memórias da infância, as recordações do passado, além disso, a escrita arrieteana denota um mergulho em questões sociais. A sua escrita sempre foi marcada pela prosa poética, a prosa e a poesia se confundem na sua construção literária, marcados por um êxtase poético, cujos escritos expressam um lugar marcante da linguagem, indo além do discurso prosaico, pois sua escrita nos toca e nos fala.

Para Santos (2017, p. 17), na tese *A poesia de Arriete Vilela: Diálogos entre a Mnemosine e Lete*,

Arriete Vilela é um nome já consolidado no contexto da literatura alagoana e o reconhecimento que sua obra tem recebido, principalmente no que diz respeito à leitura da crítica especializada, é fruto de um trabalho marcado,

¹ Arriete Vilela é natural de Marechal Deodoro- Alagoas. Gradou-se em Letras, na Universidade Federal de Alagoas e fez Mestrado em Literatura na Universidade Federal da Paraíba. É atualmente, professora aposentada da UFAL, mas continua ministrando palestras e escrevendo obras literárias. São mais de 20 obras publicadas, entre livros de poesia e contos, além de artigos, crônicas e outras publicações. Algumas de suas obras são: **Eu, em versos e prosa** (1970), **15 poemas de Arriete** (1974), **Recados** (1978), **Para além do avesso da corda** (1980), **Remate** (1983), **Farpa** (1988), **A rede do anjo** (1992), **Dos destroços, o resgate** (1994), **O ócio dos anjos ignorados** (1995), **Tardios afetos** (1994), **Vadios afetos** (1999), **Frêmito** (2003), **Lãs ao vento** (2005), **Fantasia e avesso** (1994), **Grande baú, a infância** (2015).

dentre outras características, por uma artesanaria que tenta colocar em evidência a própria palavra poética.

Logo, um dos pontos importantes que marcam o valor literário de suas obras é o cuidado com a própria palavra. Na obra de contos **Dos destroços, o resgate** (1999), anos depois revista, ampliada e reeditada sob o título **Grande Baú, a infância** (2015), que é o nosso objeto de estudo, propomo-nos a fazer uma análise dos contos, tomando a infância como um lugar necessário para a escrita poética de Vilela, como veremos mais adiante.

Em duas narrativas de Arriete Vilela, a imagem poética da infância se mostra no caos contemporâneo e na linguagem poética. Na primeira, **Grande Baú, a infância**, o enredo se constrói nas desventuras de uma menina em um contexto em que os afetos lhe foram negados e só pela palavra, pela literatura, se torna possível resgatar os destroços que ficaram marcados na memória. A infância é um dos temas centrais da escritora alagoana e nessa obra ela é tomada como um grande baú que guarda a literatura.

Na segunda, Em **Maria Flor etc.**, (2002), a narradora assume o peso da imagem poética de uma sociedade repleta de mazelas sociais, em que a infância também se torna tema, a falta de amor, a negação dos afetos, são partes fundantes da obra. São narrativas densas, que nos inquietam, os abusos sexuais, a prostituição, os traumas familiares são alguns dos espaços negativos que assolam a vida das personagens, cuja exploração da linguagem artística se mostra, a todo tempo, na tecitura da Palavra.

Seguindo essa trilha, podemos afirmar que a palavra e a poesia, como em **Fantasia e avesso** (1994), por exemplo, assumem uma estreita relação: “a palavra, despojada e oculta, trasmutando o castanho da vida; a palavra, atitude permanente, ímpeto precioso e desordenado, gracioso e alegre. A palavra: gangorra e fantasia, significação na tessitura da alma” (VILELA, 1994, p. 13).

Palavra que fala sobre a palavra, a arte que fala sobre a arte, a metalinguagem literária permite um jogo estético que permeia constantemente a sua escrita, pois a palavra é a própria metáfora, ela é intransitiva, não precisa de um complemento, sendo completa fala por si mesma. Vemos que nessa obra há uma mistura da prosa com a poesia de modo que se confundem, assim, reconhecemos a quebra da estrutura clássica dos gêneros.

Ainda para tomarmos como exemplo **Fantasia e avesso**, podemos dizer que a obra apresenta uma transgressão do discurso amoroso, “tu, amor: um ladrilho em cuja borda quebrada tenho-me constantemente ferido, dimensão clandestina energizada no privilégio da borboleta amarela amando a flor ardente. [...] (VILELA, 1994, p. 47)”. A expressão poética não é distante da narradora, o brincar com as palavras por meio dessas comparações denota

um espaço ambíguo entre a palavra e o ser amado, a palavra como o amor são motivos de constante ferida que se expressa pela voz narrativa, revelando-se à paixão pela escrita poética e um envolvimento amoroso com a arte.

A palavra que introduz farpas na alma, como metaforiza a autora, é a mesma que permite a reconstrução de sua vida pela fantasia. A ligação da escritora com o dado poético não é um caminho de segurança e só de alegria, mas também caracteriza dor. Como podemos perceber por meio da voz narrativa quando diz que “a palavra me machuca, é areia fina caindo devagar na pétala que sonha ser lua. A palavra, amor, é mais poderosa que a minha fantasia e mais cruel que os meus avessos” (VILELA, 1994, p. 40).

Para Bomfim (2001, p. 33), “em um momento percebe-se entre o poeta e a linguagem uma relação masoquista da segunda para com o primeiro, ou seja, a palavra exerce um controle, uma violência, um avessamento no inconsciente reprimido do artista [...]”. Em **Fantasia e Averso** se evidencia esse controle, o poder que a linguagem tem sobre a narradora, a poesia é mais forte que ela, fazendo-a refém de si mesma e da própria poesia. Para Paz (1982, p. 58), “o poeta, porém, não se serve das palavras. É seu servo”, logo, reconhecemos que Vilela é serva da palavra.

O conteúdo poético nas mãos da escritora se revigora para além da estrutura, os elementos da narrativa e dos versos deixam de ser meras palavras para se atrelarem a estética literária. Arriete Vilela trabalha minuciosamente com a palavra, escava-a, vai ao seu âmago para dar-lhe vida. Olhar inúmeras vezes para a mesma palavra, notar o que ela esconde, abrir múltiplos significados, ressignificar a vida através delas para, enfim, compreendermos o quanto a poesia tem poder, o quanto ela move a nossa esfera existencial.

A contemporaneidade exige pressa; o discurso poético parece não ser presente na vida da sociedade, mesmo assim, Vilela consegue captar as singularidades, alegrias e dores e as transformam em escrita poética. Em muitos poemas presentes no livro **A palavra em travessia** (2009), publicado em **Obra poética reunida** (2010), Arriete Vilela estabelece proximidade do eu-lírico com a Palavra. Então, para evidenciar esse elo apresentaremos algumas estrofes de poemas que fazem parte da obra reunida.

Trago em mim, sobre os ombros
da alma, um carregamento de palavras.
É um legado que não herdei
e que não posso doar.
(VILELA, 2010, p. 87).

Na estrofe do *Poema 71* apresentado anteriormente, vemos que a voz poética trata a palavra como posta sobre os seus ombros, o carregamento delas faz parte do seu íntimo, já que para o poeta a poesia é colhida na vida, nos livros, nos amores, nas decepções, nas pessoas, desse modo, toda essa carga de palavras pode se tornar um fardo, mas que não pode se transferido para outra pessoa. Segundo Paz (1986, p. 31), “[...] o poema é via de acesso ao tempo puro, imersão nas águas originais da existência. A poesia não é nada senão tempo, ritmo perpetuamente criador”. Posto isso, percebemos que a poeta observa e transforma o que vê em um novo mundo, é assim que vemos o vocábulo poético que emana de Arriete Vilela, essa capacidade de enxergar nas entrelinhas, de trazer pela experiência um novo sentido para aquilo que não pode ser doado, pois é único e pessoal.

Garimpo palavras
para distinguir o real
da invenção e da memória.
(VILELA, 2010, p. 100).

Já na estrofe do *Poema 80* apresentado acima, que faz parte do livro **Ávidas paixões, áridos amores** (2007), o eu-lírico notoriamente marcado evidencia o vínculo com a criação poética. Como o garimpeiro que procura os metais, as pedras preciosas, o eu-lírico metaforicamente tem a mesma correlação com as palavras diante de um jogo que permeia a criação literária, como o real, a invenção e a memória que a todo instante se cruzam na escrita literária.

Preciso da poesia
como outros precisam da paixão mundana
para se entrelaçarem, íntimos,
às vulneráveis ilusões.
(VILELA, 2010, p. 108).

Na estrofe acima pertencente ao *Poema 5*, avistamos que o eu poético expressa a necessidade da poesia, ele não pode viver sem a palavra. Desse modo, concebemos a escrita como uma vocação, como algo que não se pode fugir, existe uma necessidade constante de criação que se entrelaça em seu ser. Por meio desses exemplos, ratificamos que os poemas abarcam uma relação autorreferencial, a poesia arrieteana fala da própria literatura.

Na vida comum, podemos afirmar que a palavra tem seu momento mais sublime no ato poético. “[...] A natureza do poético coincide geralmente com o conceito do belo artístico e da obra de arte em geral [...]” (HEGEL, 2004, p. 22). A mensagem poética surge como um respiro dentro de uma sociedade de modelo capitalista, que busca mais o *Ter* do que o *Ser*.

Nesse mundo sombrio, os seres se cruzam, mas não se veem. E a literatura age em nós como um despertar, como achar um baú, que apresenta sentido estético em Arriete Vilela, provocando a linguagem literária e, ao mesmo tempo, povoando a poesia de encontros com o outro, com as memórias, com a própria palavra.

A palavra seria apenas um signo linguístico se pela literatura ela não ganhasse nuances maiores. Em seu sentido conotativo, elas se ampliam e marcam precisões de nos levar a refletir sobre as mais diversas situações da vida. Pensar na palavra poética em Vilela nos faz compreender a importância hoje, da poesia. Até mesmo a sua prosa está carregada de poesia, essa que cria um percalço de infinitos sentidos que evidencia a necessidade da arte, da poesia em nossas vidas.

Como já reverberado, a linguagem arrieteana é carregada do fazer literário, a poesia que está no íntimo da escritora se entrelaça com as palavras sobre o papel, o caminho percorrido por ela representa a grandeza da poesia. Para Paz (1986, p. 47), “a criação poética se inicia como violência sobre a linguagem”. Vilela faz esse exercício com a sua criação poética, a violência sobre a linguagem se apresenta na quebra da estrutura, como do conteúdo que permite um encontro consigo mesma e com o mundo, evidenciando marcas profundas seja do eu-lírico ou do narrador que vivencia as dores e alegrias.

Esse tema é recorrente em outros escritores. Podemos perceber essa conexão próxima com a palavra, o texto metalinguístico. Em *Françoise*, conto pertencente ao livro **Amor e outros contos** (2009), de Luiz Vilela², escritor contemporâneo, cuja prosa também é o meio de falar de poética, há a representação e criação de um novo mundo através do espaço imaginativo da personagem e da poesia. Espaço este que permite que a personagem protagonista do conto viva a complexidade do mundo, representando um sujeito à procura de si mesmo, no momento em que a poesia mexe com a imaginação, concede um novo mundo para ela, “palavras são feito gente, tem de todo jeito: bonitas, feias, gordas, magras, simpáticas, antipáticas, sérias, engraçadas, alegres, tristes; todo jeito (VILELA, 2009, p. 88)”. Então a poesia é algo vivo, presente, feio, triste, bonito, gordo, magro...

Ainda sobre a intimidade à palavra, diz a personagem, “já reparou como é engraçado uma palavra se a gente fica olhando para ela muito tempo e pensando nela? É engraçado, ela parece que começa a mexer, a viver; parecem uma porção de bichinhos brincando: brincando

² Luiz Vilela nasceu em Ituiutaba (MG), em 1942. Aos 24 anos, estreou na literatura brasileira com o livro de contos **Tremor de Terra**, e com ele ganhou, em Brasília, o Prêmio Nacional de Ficção. Foi premiado também no I e no II Concurso Nacional de Contos, do Paraná, e recebeu ainda o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, para o melhor livro de contos do ano, com **O Fim de Tudo**.

de serem palavras” (VILELA, 2009, p. 88). Então mais uma vez notamos uma manifestação do fazer poético, de mexer com as sentenças, atribui-lhe novos sentidos, sendo que elas transgridem os limites dos significados, por isso, o texto literário é plurissignificativo.

Luiz Vilela em *Françoise* abarca temas presentes em nossa realidade, como a solidão, a crise identitária, as relações socioculturais, ressaltando que esse texto literário fala sobre o fazer poético, cuja forma, evidencia a presença do meta-conto³, assim, é o encontro com o outro, há um encontro com a poesia. O olhar poético faz a personagem protagonista mergulhar nos sentimentos humanos, e só o sujeito sensível às singularidades do mundo pode compreender os acontecimentos da vida de um jeito singular. A personagem Françoise também é poeta, e como poeta traz vida ao que está morto, pois a poesia permanece viva dentro dela.

Essa permanência à poesia coloca-se na busca do caminho literário de Arriete Vilela, reverberando um lugar simbólico que ela hoje ocupa no cenário local, como também na circulação nacional e internacional de sua obra literária. Acentuamos que definir o valor de uma obra, de quem a escreve, pode ser um caminho cheio de incertezas e de relativismo. Para Compagnon (1999, p. 230-231) “logicamente, o relativismo absoluto é, por certo, a única posição coerente – as obras não têm valor em si mesmas – mas ele desafia a intuição: aí está a sua fecundidade, até certo ponto”. Podemos dizer que existe uma grande complexidade em falar sobre a literatura, de atribuir valor literário a uma obra, mas não se pode negar o trabalho da forma e da linguagem em todo conjunto das obras arrieteanas.

2. As relações entre a palavra e a estética

Jouve (2012), no livro **Por que estudar literatura**, nos apresenta que a riqueza semântica é uma característica de toda obra de arte e na obra literária ela tem uma densidade particular. Quando pensamos na Palavra e na Estética, levamos em consideração que o jogo linguístico que permeia a criação literária confere questões importantes para chegarmos a uma ideia do que seja o valor literário.

³ Para ilustrar esse conceito, usamos a definição de Roland Barthes sobre a metalinguagem. “[...] A literatura começou a sentir-se dupla: ao mesmo tempo objeto e olhar sobre esse objeto, fala e fala dessa fala, literatura-objeto e metaliteratura” (BARTHES, 2007, p. 27). Levando em consideração que agora a literatura é autorreferencial, pode falar dela mesma, surgem termos como o meta-conto, tratando-se do próprio ato da narrativa falar sobre o processo de escrita. Além disso, o meta-poema surge como um espaço do poema falar sobre poesia.

Para o crítico, o valor de uma obra literária seria caracterizado em dois casos específicos, isto é, quando apresenta um caráter inédito e quando remete a uma questão essencial. Jouve (2012, p. 119), evidencia que “o interesse de uma leitura decorre efetivamente tanto da descoberta de uma dimensão de nós mesmos até então inexplorada, como do sentimento de sermos confrontados com uma questão fundamental”. A arte fala de nós e em nós, concede-nos um novo modo de enxergarmos as realidades a nossa volta, também a escrita literária constrói um legado que deixa marcas que não se perdem com o tempo e nos põe em questionamento com o que nos é abordado.

De acordo Compagnon (1999, p. 229), “a obra de valor é a obra que se continua a admirar, porque ela contém uma pluralidade de níveis capazes de satisfazer uma variedade de leitores”. Levando em consideração a citação de Compagnon, a questão do inédito e do essencial apontado por Jouve, compreendemos que as obras arrieteanas apresentam conteúdos singulares, a escrita literária tem um notável alcance e não está preocupada em ser fiel a realidade, e que na relação do fazer literário somos fortemente confrontados com a nossa própria forma de ver o mundo e as pessoas.

Além disso, o lugar poético tem como peculiaridade falar de quem somos, a linguagem da artista nos fala, e a escrita poética que reverbera na contemporaneidade através de Arriete Vilela nos põem em diálogo com aquilo que nos mostra como seres necessitados de uma fuga da realidade ou que mude a visão que temos dela.

A literatura mostra mundos possíveis e prováveis, porém vai além de uma visão rasa do real. Arriete Vilela em suas obras reconfigura o real, o real da dor, da alegria, da infância marcada pelos desafetos, das memórias que servem como subsídios para a criação literária. A artista faz suas escolhas, contrastando o olhar superficial em relação à palavra poética, que surge do fruto da observação dos acontecimentos simples do dia a dia. A arte ganha novas linguagens, sai do imediatismo, a escritora não deixa tudo dado, os códigos não são descobertos rapidamente.

Então, tornamos perceptível a fundamental importância da escrita literária em nossos dias, nesse tempo de penúria textual. Para os críticos literários e para as pessoas que são amantes da linguagem poética, ela será sempre necessária, pois ao mergulharmos nesse mundo da sensibilidade podemos analisar a transfiguração da realidade, essa capacidade de tornar próximo aquilo que está longe, o que é deixado de lado começa a ser percebido, como nos diz Bosi (2000) a poesia mantém a palavra viva.

As obras de Vilela são de expressão estética, a sua escrita parte do particular para o universal, falar da infância, da palavra poética, mostrar as mazelas sociais evidencia a

importância de sua produção literária, alçando voo para além do geográfico, o que faz com que seus textos façam parte de um cenário intelectual brasileiro.

A palavra caminha lado a lado da estética, ou seja, está relacionada à percepção do Belo, através da linguagem se torna palpável os elementos estéticos. As palavras podem ser ressemantizadas⁴, fugindo de significados que estariam ligados ao próprio signo linguístico, nas obras de Arriete Vilela podemos perceber frequentemente o jogo com os vocábulos, ressignificando-os.

Não é uma tarefa simples procurar as relações entre a palavra e a estética, gerando uma problematização quando se liga tais conceitos a subjetividade de cada pessoa, pois não devemos esquecer que todo texto tem uma intencionalidade, o autor faz escolhas, sempre olha para alguém, para algum lugar. Dessa forma, precisamos nos ater aos artefatos do Belo estético, isto é, aquilo que se desdobra no texto, seja por meio da linguagem, seja por meio do conteúdo.

A estética ganhou novas roupagens na literatura, embora atualmente concebamos que existem várias formas de arte, não podemos cair na ilusão de que tudo que é escrito hoje assume um valor estético, dependendo das épocas, das nações, teremos múltiplas visões do Belo artístico que se configura ao longo dos tempos. Para Étienne (2010, p.101), “a estética tem por objeto a natureza do ato pelo qual percebemos o belo, a palavra mesma *aisthèsis*, da qual essa disciplina tira seu nome, significando em princípio um ato de apreensão ou de percepção”. Assim, pela linguagem escrita, poética, conseguimos apreender uma rede de significações inesgotáveis, a poesia tem a capacidade de nos tocar, de nos tornar sensíveis. Então, ressaltamos que a linguagem literária intrinsecamente se relaciona com a estética.

A literatura nos faz conhecer novos mundos, adentramos em histórias que não são nossas, mas que passam a ser íntimas de nós. Povoado de tantos distanciamentos, a poesia permite uma ponte com o outro, de sensibilizar, compreender, respeitar. Marcados por um contexto caótico se abre para nós na dimensão poética um novo modo de enxergar as durezas que há na vida, na própria literatura encontramos as respostas que procuramos.

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso,

⁴ O termo é uma discussão da crítica literária sobre a construção dos significados poéticos. Cf. MASSAUD, Moisés. Dicionário de termos literários. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2009.

nos transformar a cada um de nós a partir de dentro (TODOROV, 2009, p. 76).

Por essa citação de Todorov (2009), compreendemos como a literatura alcança um valor importante para cada indivíduo, quando temos a percepção do que a linguagem literária pode fazer em nós, nitidamente reconhecemos que se trata de uma visão para além da beleza que se mostra no texto, há uma relação interna que nos permite uma visão crítica para a sociedade e para nós mesmos. O mundo contemporâneo é um mundo de crises, então, a literatura concede a capacidade do ser humano se projetar poeticamente, não encerrando as suas crises, mas criando formas outras de lidar com elas, fazendo-nos viver experiências raras.

Proença Filho (2007, p. 7), ressalta que, “o texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético”. Em **Grande Baú, a infância**, para ilustrar como o texto mostra essas dimensões, podemos observar a representação do real e das ações estéticas provocadas por esse mesmo real, “pois bem. Cantar não canto em voz alta. Vontade danada tenho. E espiando fico o modo gracioso da boca das meninas quando cantam. Livres passarinhos contentes, penso delas” (VILELA, 2010, p. 35). A liberdade que as outras crianças possuíam estava apenas sobre o olhar atento da personagem protagonista, tal realidade física e social que faz parte da vida da personagem não a permite ter uma infância como das outras crianças, dessa maneira, provoca em nós sentimentos de compaixão que metaforiza a vivência de uma infância triste, o seu mundo mais parecia a de um pássaro preso que entoia um canto sem vida.

O trabalho poético nos envolve, causa-nos emoções, provoca-nos. A linguagem permite que as palavras tenham um alcance universal, além do mais, a poesia deu nome aquilo que não tinha, como nos aponta Bosi (2000, p. 266), “a poesia devolveu corpo e alma, forma e nome ao que a máquina social já dera por perdido”. Além disso, o poeta pode voltar ao passado para falar do presente, singularizando coisas e pessoas. Como assegura Paz (1982, p. 15), “a poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo [...], exercício espiritual, é método de libertação interior”. Desse modo, a poesia é a melhor maneira para externar o outro e simbolizar o mundo, a palavra nos redime, altera a nossa lembrança, atravessa o tempo.

Para exemplificar a grandeza que emana da palavra poética arrieteana, trazemos novamente a obra **Fantasia e avesso**, “a palavra, amor: uma face não revelada, uma natureza desconhecida, uma exterioridade. Às vezes. Um descuido e pronto: perdidos os sapatinhos de cristal, esfarelada a ilusão. O dedo esfoliando antigas feridas. A palavra: uma dor, um parto,

um pacto”. (VILELA, 1994, p. 34). Assim, essa palavra, a poesia, como uma face não revelada se prontifica a nos dizer que ela enquanto paixão não é definível, e por meio dela, feridas são expostas e a palavra se apresenta como um parto, uma dor, mas depois da dor gera uma vida, gera então metaforicamente a literatura.

Além disso, para falar acerca da proximidade entre a palavra e a estética na contemporaneidade não devemos deixar de lado a ligação da cultura com a arte. Embora todo escritor esteja pautado numa tradição literária, já que ninguém escreve a partir do nada, o que ele escreve abarca muito de sua realidade, muito de si. Através da arte literária há um encontro com o interno e externo de cada de um de nós, o mundo avesso e contraditório no qual habitamos se apresenta como parte constantemente deslocada dos nossos dias.

Muitos concebem a ideia de que não é possível e nem desejável definir a arte. Compreendemos hoje, que tanto a arte em si e como a literatura que faz parte das artes, apresentam mudanças e estão relacionadas a questões híbridas. Essa hibridez começou a ser levada em consideração entres os séculos XX e XXI, sendo assim, nada se define apenas por um aspecto, e essa hibridez forma a Beleza estética.

Entretanto, a literatura apresenta uma singularidade por utilizar um material significante que é a linguagem, como nos aponta Jouve (2012). As questões utilizadas por ele para mostrar as mudanças na arte apresentam-se diferenciadas quando se trata da literatura. Além disso, “se a arte é uma noção transcultural, os objetos aos quais ela remete devem necessariamente compartilhar certo número de traços” (JOUVE, 2012, p. 20). Podemos dizer que existem dizeres universais, os textos de culturas distintas acabam se tocando. Além disso, reconhecemos que existem traços culturais em uma obra literária que se assemelha as condições de produção do coletivo (sociedade). E a escrita nos remete a um reconhecimento do lugar, tanto que pensar no lugar é pensar em si, levando isso em consideração, muitos escritos apesar de dialogarem com textos universais, não exclui que o escritor envolva a sua singularidade enquanto indivíduo, podendo reinventar o real com características de sua própria terra, como faz Arriete Vilela.

Abarcando questões como a estética, a arte, a literatura, ressaltamos que a definição da literatura começa por uma indefinição, haverá conceitos, formas diferentes de conceber os seus significados. Vemos que "a conceituação da literatura, assim, permanece em aberto, na medida em que acompanha o dinamismo da cultura em que se insere" (PROENÇA FILHO, 2007, p. 10). Sendo cultural a matéria literária, por conseguinte, salientamos que a cultura também é um signo representativo que está ligado à tradição como a renovação. Portanto, “é consenso ainda, na atualidade, que os aspectos estéticos da obra literária podem ser

alcançados por meio do texto e que todos eles têm uma base linguística (sintática, semântica ou estrutural)” (PROENÇA FILHO, 2007, p. 10).

Significado variado e múltiplo, quando estamos diante de um texto literário, naturalmente devemos ter um cuidado maior com os signos linguísticos, pois nem tudo que está escrito é tão perceptível de significação como pode nos parecer. Mergulhar na escrita literária é adentrar nos espaços múltiplos que nos são possibilitados pela linguagem. Outra questão fundamental sobre a estética é levar em consideração a representação do Belo, logo ele estará ligado a várias correntes e a visão que temos dele vai mudar em cada época. Desse modo, estando ligado ao Belo, ele não precisa necessariamente ser a beleza clássica, principalmente na modernidade a partir de Baudelaire nos é apresentado outra forma de conceber a arte, o Belo estaria também naquilo que é mais desprezível na sociedade, em imagens negativas proporcionadas pela própria modernidade, surge então um sentido deslocado da beleza.

Sendo a literatura considerada por muitos estudiosos como a arte da linguagem, compreenderemos que a arte, como uma obra literária são abertas, são possíveis de abarcar múltiplas perspectivas. A arte em nosso tempo tem um revestimento diferenciado, assim, a estética contemporânea trará sentidos diferenciados das obras passadas, pois a escrita literária canta o seu tempo.

Segundo Eco (1971, p. 67), “[...] as poéticas contemporâneas nos propõem uma gama de formas que apelam à mobilidade das perspectivas, à múltipla variedade das interpretações”. Dessa maneira, reverberamos que não existe obra fechada, sendo possível uma infinidade de leituras concebíveis. Por outro lado, não podemos apreender que todas as interpretações sejam válidas, assim como em uma análise linguística, a literatura se volta para o texto, para o linguístico e para todos os artefatos que compõem a obra, e ela deixa pistas, quem a produz deixa caminhos que precisam ser investigados pelo leitor, crítico. Em consonância com Paz (1982, p. 35), “mas as palavras são rebeldes à definição”, mostra-nos que a poesia nos permite abundantes sentidos. Há coisas que só a literatura permite, como a de significar palavras que teriam sentidos fechados e uma obra literária pode atualizar certas configurações inéditas do sistema linguístico, como nos diz Jouve (2012).

Ainda sobre a relação com a palavra, “pois o homem é inseparável das palavras. Sem elas ele é inapreensível. O homem é um ser de palavras” (PAZ, 1982, p. 35). O ser humano, enquanto esse ser de palavras, denota que não se pode distanciar delas, pois a palavra sempre foi necessária para a humanidade, sendo que a palavra poética contribui para a nossa compreensão do mundo, tornando-se uma necessidade universal. Por meio da palavra se faz

possível a reinvenção do real, ressaltamos que se quisermos olhar para a realidade palpável não buscaríamos refúgio na arte. Para Hegel (2004, p. 55) “a arte, em todas as relações, deve nos colocar em um outro terreno que aquele que ocupamos em nossa vida costumeira [...]”. A literatura nos coloca diante de outro horizonte, seja para concordar ou confrontar com o nosso ambiente de convívio, ela nos permite que a visão que temos ao nosso redor ganhe amplitude, tornando-nos até mesmo revolucionários. Assim sendo, a palavra tem uma relação próxima com a estética, porém não se trata de qualquer palavra que eventualmente falamos, e sim, dessa que o literato trabalha e a transforma em linguajar poético reconfigurando o real.

A construção do texto, os elementos linguísticos, as escolhas que são feitas pelo escritor são marcas da estética. Vemos também que a análise de uma obra literária não pode apenas respingar sobre o aspecto social, externo, para identificarmos o seu valor. Por outro lado, também não deve está pautado somente em aspectos formais, como se eles dessem total autonomia a obra literária. A visão que se tem atualmente, e que vem sendo adotado há certo tempo é a junção dessas duas realidades para que assim possamos compor o valor estético da obra. Desse modo, as condições sociais, externas serão essenciais para a construção do que é interno, como evidencia Candido (2006) na obra **Literatura e Sociedade**. Ainda mais, o texto literário nos apresenta Proença Filho (2007) como um texto que é ao mesmo tempo, um objeto linguístico e um objeto estético. Além do mais, a dimensão semiótica e a dimensão transfiguradora do real caracteriza a dimensão estética.

Portanto, o que apreendemos diante das obras literárias de Arriete Vilela é que elas têm um lugar em seu tempo, mas não se perdem nele. Os escritos mais antigos tem se mostrado sempre atuais, a literatura tem essa capacidade de sempre nos falar, o que revela sua atemporalidade. Reconhecer como a escritora trabalha com o fazer poético é essencial para reafirmamos que a literatura, que a poesia é mais que necessária em nossos tempos. Essa tessitura da linguagem tão viva em sua linguagem mostra as relações estéticas sendo bordadas pelo seu ato de escrita.

3. A LINGUAGEM ARTÍSTICA ARRIETEANA

Fidelidade a um pai e a uma mãe que da infância só me deixaram destroços... (VILELA, 2015, p. 57).

Nesse capítulo trataremos da linguagem arrieteana marcada pela poesia, referenciando à própria literatura, por esse viés, a metalinguagem quase intuitivamente ganha destaque em seus escritos. Apresentaremos também imagens da infância que são presentes em várias obras, imagens que falam sobre uma infância literária, ficcional, e não social ou cognitiva. Além disso, explanaremos acerca da escrita poética narrativa, discutindo prosa e poesia, como o discurso poético se apresenta nas narrativas de Arriete Vilela.

A escritora alagoana nos brinda reiteradamente com os temas do amor e da infância. Com uma linguagem que exige do leitor uma atenção maior, o trato com a palavra causa a desautomatização⁵, desfamiliarização⁶, termos significantes advindos do formalismo russo. Concebemos, desse modo, que a escritora se atém para os detalhes da escrita, exige muito de si, conseqüentemente nos coloca diante de uma singularidade artística em que a linguagem é um desvio do que habitualmente convivemos. A escrita literária não significa apenas uma vocação, mas também um exercício com a palavra, isso se revigora no cuidado que a escritora deodorense tem com o processo de escrita.

Para Bosi (2000, p. 163), “o poeta é doador de sentido”. Doar sentido é o contemplamos na produção poética de Vilela, a palavra em suas mãos revela para nós um novo mundo, “[...] é que, quando eu crescer, viu, avó?, eu também quero fazer renda, mas não é de linha, não, é outra renda. A gente pode fazer renda em papel?” (VILELA, 2015, p. 88). A narradora de **Grande Baú, a infância** brinca com a possibilidade de bordar palavras, o mundo da personagem protagonista se mistura com a de uma escritora. Como ela não podia fazer o mesmo bordado da avó, metaforicamente ela faz o bordado com as palavras, vemos então que o sentido do signo linguístico transgride as relações semânticas, assim compreendemos que o texto e o contexto são importantes para analisarmos como se constitui a escrita literária de Vilela.

5 É um termo apreciado no Formalismo Russo, corrente literária que prezava pela forma, a arte pela arte, desse modo a desautomatização seria o estranhamento que o texto nos causaria, algo que nos tirasse da linguagem cotidiana, de simples acesso de significado. Ivan Teixeira (1998, p. 37) nos diz que “numa palavra, a finalidade da arte é gerar a desautomatização, mediante o estranhamento ou a singularização da estrutura que o artista oferece à contemplação. Se algo aspira à condição de enunciado artístico, precisa ser dito de forma impressionante”.

6 O mesmo se atribui ao termo desfamiliarização. A linguagem deve se apresentar para o leitor como se fosse algo totalmente novo, a relação com arte deveria ser de difícil acesso, lento.

Oh, com todos os diabos, eu não aguentava mais de curiosidade! Queria ter a bolsa nas minhas mãos, desvendar-lhe o interior, esvaziá-la, futucar cada bolsinho, cada cantinho, esgaravatá-la minuciosamente: despejar tudo no chão, catar as novidades, brincar com uma coisa e outra, rearrumar os pertences, e, depois, deixa-la sobre o sofá, a sonsa, como se intocada tivesse sido (VILELA, 2015, p. 64).

Assim como a narradora-personagem estava imersa em curiosidade para desvendar os mistérios da bolsa da visita, quem é poeta também tem um olhar atento às miudezas, aos detalhes da palavra e de tudo o que observa, para que depois de destringir os avessos dos acontecimentos possa surgir a sua produção artística. A bolsa para a narradora ganha outro sentido, deixa ser um simples objeto que carrega coisas para se tornar um mistério, como se estivesse descobrindo o interior de uma pessoa, como também das palavras. Catar as novidades da bolsa, brincar, rearrumar, denota um espaço metafórico de olhar todos os detalhes e mesmo assim, desejar passar a impressão que nada foi tocado, a poesia permite essa relação de tocar em nós, ao mesmo tempo, passar a imagem que nada aconteceu, só os atentos à força poética pode perceber que tudo se transforma quando essas palavras trazem um novo sentido.

Sobre Vilela, Brandão (2001, p. 13) nos diz que “ela brinca com a palavra, labora com ela e constrói novos significados, enriquecendo a linguagem com suas tentativas, muitas vezes vãs, de mascarar as palavras”. Logo, está no íntimo da escritora esse trabalho cuidadoso com o vocábulo poético, construir novos significados faz parte da sua essência que ao mexer e remexer palavras cria um espaço em que a poesia se torna vida na escrita. No livro **Ávidas paixões, áridos amores** no *Poema 34* constatamos a relação do eu-lírico com o fazer poético,

Escrever
me desrealiza.

E por isto ser
tão humanamente
necessário,
abrandam-se-me todas
as angústias.
(VILELA, 2010, p. 378)

O eu-lírico do *Poema 34* revela que a escrita provoca mudança na sua relação com o seu redor, através da desrealização, compreendemos que a literatura é para quem a escreve como uma forma de confissão, uma maneira de se exorcizar. Desse jeito, humanamente se faz preciso por meio da função poética deixar menos intensa as angústias, as dores tantas vivenciadas por si ou os sentimentos assumidos pela observação dos outros, pois o artista da

palavra consegue viver o invivido e transformar as experiências em palavras poéticas. Além do mais, “o poeta fala no âmago do ser” (BACHELARD, 1993, p. 184), por isso que a poesia tem o poder de nos mover, de sensibilizar, de nos fazer questionar o meio em que vivemos. Dizemos mais uma vez, que a construção poética de Vilela é tecida de um trabalho zeloso com a escrita, como um oleiro que molda o vaso, ela molda a palavra, como uma tecelã, ela tece palavra sobre palavra, numa constante ação de criar e recriar tecidos poéticos.

Não podemos desconsiderar que os textos literários têm uma base linguística (sintática, semântica ou estrutural) como nos apresenta Proença Filho (2007). Então, essas particularidades são fundamentais para falarmos sobre a linguagem arrieteana. O conteúdo semântico da escritora alagoana é parte primordial para percebemos os vários sentidos que as palavras podem abarcar, mostrando-nos sensibilidade no tocante a expressão poética.

“Tomo-o nas minhas mãos. Reinadeiras, essas minhas mãos. Vivem a mexer e remexer... palavras” (VILELA, 2015, p. 68). Nesse fragmento, a narradora-personagem traz novos sentidos para a palavra *reinaadeiras*, não se trata do sentido de reinar enquanto autoridade, dominação, mas sim de mãos que gostam de aprontar, que faz travessuras. A narradora metaforiza o próprio ato da escrita, ter essas mãos é que a permite representar e criar outros mundos através do vocabulário literário. Além disso, reinadeiras tem uma força poética no conto, uma força de novidade, assim como se faz nova toda palavra poética.

Proença Filho (2007, p. 45) afirma que “a linguagem literária é eminentemente conotativa. O texto literário resulta de uma criação, feita de palavras. É do arranjo especial das palavras nessa modalidade de discurso que emerge o sentido múltiplo que a caracteriza”. Portanto, a linguagem artística se constitui da linguagem figurada, tais elementos evidenciam que a palavra literária é detentora de multiplicidade e essa multissignificação concede-lhe um lugar em seu tempo, mas não se perde nele.

Da mesma forma, as metáforas são presentes nos textos poéticos, fugindo assim do imediato. Nas narrativas de Vilela as relações humanas são poetizadas, cumprindo um sentido para a arte: a intervenção no mundo. “Na ponta dos pés fico: borboleta, pássaro, menina. As mãos, ergo-as” (VILELA, 2015, p. 27). A menina tanto era borboleta que simboliza uma renovação, um processo de transformação, como também pássaro, que pode ser livre em suas aventuras ou presa a sua realidade de criança que não a deixa ser livre como as outras. Erguer as mãos revela um sentimento de liberdade que poderia ser alcançado por seus pensamentos, nesse caso, por meio de sua imaginação criadora.

De acordo com Chalita (1994, p. 10), “operária do texto, Arriete trabalha a linguagem, no seu nível mais sublime, o poético. As palavras, em suas mãos, fazem exóticas

circunvoluções”. É isso que ela faz a todo instante, um círculo diante da palavra poética. Vilela é mãe da palavra, por isso, cuida, zela veemente dela como se saísse de suas entranhas, como uma gestação em que se faz necessário um grande cuidado ao longo de vários meses até nascer à criança, assim a escritora faz com a palavra, pensa e repensa sobre o ato da escrita até vir à luz palavras recriadas por sua imaginação e vivências.

Como a poesia está internamente na poeta, a própria vida se oferece de inspiração, então as imagens cotidianas, as pessoas, a solidão, o amor, a infância, tudo isso pode se transformar em arte literária. A escritora alagoana sempre vive ocupada, em olhar, em recolher as histórias, as alegrias, as tristezas. Além do mais, se torna uma investigadora de palavras, uma caçadora que reconfigura o real com a sua percepção poética das vivências individuais e das vivências do coletivo.

Ademais, Vilela é influenciada por muitos escritores, principalmente por aqueles que apresentam uma escrita intimista, como podemos observar a escritora Clarice Lispector se torna essencial para a escrita arrieteana, e em algumas obras podemos estabelecer uma intertextualidade entre as escritoras. É o que acontece no conto *Texto 14* de **Grande Baú, a infância**, em que há diálogo com o conto *Felicidade clandestina*, de Lispector.

O conto *Felicidade Clandestina* narra uma criança com um grande desejo de ler o livro da amiga, *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, mas esta sempre a negava, inventava mentiras para emprestar o livro, até quando ela consegue a obra por meio da mãe da sua amiga, que o empresta, assim mesmo contra a vontade da outra criança, ela pode sentir a felicidade clandestina de está com o livro, “não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante” (LISPECTOR, 1998, p. 8).

No conto *Texto 14*, de Arriete Vilela, há uma narração semelhante, uma criança que se encanta pela bolsa da visita, mas não se trata de qualquer objeto, para ela “dava pra carregar um mundo de novidades ali dentro” (VILELA, 2015, p. 63), uma bolsa proibida e o contato com ela lhe permitiu a clandestina felicidade “e então comecei a *clandestina felicidade*: tinha nas mãos as miudezas da alma daquela mulher” (VILELA, 2015, p. 63, grifos da autora).

A infância retratada nos dois contos evidencia o mundo curioso, uma realidade de novidades na vida dessas personagens, tanto o livro como a bolsa permite uma felicidade que não parece ser presente na vida dessas meninas. O olhar para a infância nos faz perceber as imagens estéticas que configuram esse tempo, a meninice se torna parte fundamental para as escritoras, representando um período marcado pelas descobertas.

Desse modo, nos dois contos, podemos perceber que a infância é um elemento estético e poético, as situações vivenciadas são narradas de forma poética, que retratam o lugar da

memória. O mundo delas não é apenas singular, mas também universal, assim, entendemos que os textos se tocam, Arriete Vilela ao estabelecer uma intertextualidade com a obra de Clarice Lispector transparece o dialogismo que existe entre os autores. As duas escritoras têm em comum a escrita prosa poética, indo além dos limites dos gêneros literários, que passam a ser híbridos: ora prosa, ora poesia. Então, elas não só representam, mas também criam outro mundo e confirmam novas formas de escrita.

Em suma, a linguagem de Arriete Vilela é permeada de novos sentidos advindos do discurso poético, desse modo, ela tem uma relação marcante com a palavra, com a poesia e as suas obras marcam um lugar memorável, o que gera a transgressão dos limites, seja no nível linguístico, como em seu contexto social. Narrar acontecimentos não nos parece uma tarefa fácil, na expressão poética, Vilela nos mostra como a palavra extrapola os sentidos que estão nelas, não há nada fechado, nada é tão definível, da mesma forma que a literatura se define por uma indefinição.

3.1. Imagens da infância

A temática da infância é bastante recorrente em escritoras modernas e contemporâneas, um lugar de refazimentos, em que a todo o momento pode se constituir como força da criação artística, pois sendo um tempo marcante o artista da palavra consegue fazer uma ponte entre o passado e o presente numa transgressão da imaginação com o real, que ultrapassa os limites da história dos acontecimentos. Dessa maneira, nesse tópico buscaremos analisar as imagens da infância que se desdobram nos textos de Arriete Vilela, ela nos apresenta uma infância perdida, de ausências, sobretudo, da falta de afetos que marcam as suas personagens.

Em **A poética do devaneio**, Bacherlad (1988, p. 94) diz que “essas solidões primeiras, essas solidões de criança, deixam em certas almas marcas indeléveis. [...] e é assim que nas suas solidões, desde que se torna dona dos seus devaneios, a criança conhece a ventura de sonhar, que mais tarde será a ventura dos poetas”. O autor também nos fala que a infância é imóvel, mas sempre viva em nós. Essas marcas que não se apagam fazem parte da escrita de Arriete Vilela, instigando a sua literatura, a memória desse tempo singular simbolicamente oferece uma oportunidade de viver os sonhos, as fantasias.

Sendo assim, **Grande, baú a infância** é uma representação da infância, a obra está dividida em duas partes, embora o livro possua contos independentes juntos formam um sentido completo. Na primeira etapa *Cirandinha*, o livro aponta como a convivência entre pai

e mãe é pontuada por desentendimentos, ciúmes e brigas, que atingem também a criança, inativa diante da violência doméstica. E a segunda parte *Empresta-me os bilros, avó?* mostra a relação da neta com a avó, uma relação distante, de um abandono afetivo, mas a avó era um mistério fascinante para a menina que tentava adentrar no que era de mais oculto, como uma forma de compreender a solidão que fazia parte do ser de sua avó.

Vilela aborda especialmente uma infância traumática, cujo tema é as desventuras de uma menina. E por outro lado, a obra apresenta a relação próxima da personagem protagonista com a escrita literária, como a fantasia, a imaginação, permite que ela encontre os outros sentidos em sua história. Vale a pena ressaltar que mesmo que a história ficcional se misture com acontecimentos reais de quem a escreve, os fatos narrados não simbolizam a própria vida da escritora, pois ela pode criar outro mundo.

A escrita arrieteana traz uma representação dos espaços locais e, ao mesmo tempo, da universalidade artística. Nessa obra, notamos que os personagens não possuem nomes, então, esses personagens somos nós mesmos, essa menina que teve uma infância que lhe negou tanto amor exprime a infância de muitos. Somos fortemente marcados nesse período de nossa vida, a figura da avó gerava fascinação na personagem principal, mas a sua avó estava imersa em seu mundo, por isso não conseguia enxergar o mundo de conflitos e carências que povoavam a vida de sua neta.

A menina não consegue ter acesso ao mundo da avó, porque dela recebia na maioria das vezes o silêncio. “dizer que fico triste não digo. Desconsolada talvez, mas há também em mim um certo consolo, quase um contentamento: ao seguir a avó, às escondidas, distraio-me. Ao observá-la, de acintoso modo ou não, distraio-me” (VILELA, 2015, p. 87). Essa distração permite que a narradora se distraia de sua vida marcada pelas brigas dos seus pais, pelos medos, pelo desamparo afetivo.

A infância é um dos temas centrais da escritora alagoana, respingando sobre os poemas e narrativas poéticas, mas também marcando um lugar do amor negado, evidencia-se um caminho doloroso, já que a infância que nos é apresentada foge de um ideal de alegria e um ambiente acolhedor para a menina. Compreendemos, desse modo, que a imagem da aurora dos primeiros anos costuma ser transfigurada como um tempo representativo repleto de alegrias, de boas memórias, mas não é isso que acontece com a narradora personagem da obra aqui analisada, ela é marcada por feridas corporais e psicológicas.

“Fidelidade a um pai e a uma mãe que da infância só me deixaram destroços...” (VILELA, 2015, p. 57). A partir dessa ótica, compreendemos as relações negativas da infância, como as marcas da violência doméstica se materializam nas lembranças da

narradora. A narrativa acontece por meio de um tempo deslocado, ora parece ser a voz de uma menina, em outros momentos parece ser a voz de uma mulher já adulta que revisita as lembranças do seu passado. Tratando-se da memória da narradora percebemos que as marcas da infância representam destroços, tristezas, que não saíram com o tempo, mas, por meio de uma observação metafórica a menina começa a ganhar voz.

Pensando ainda na relação da menina com a avó, em um determinado momento ela expõe os seus medos,

— Eu sempre tenho muito medo, avó. Medo de chegar perto da cacimba e cair e morrer afogada. Medo de dormir só no escuro e das assombrações. Medo de cair, avó, tenho sempre medo de escorregar e bater com a cabeça no chão. Medo de quando o avô chega e a janta não está pronta, penso que ele vai se danar de raiva e bater na gente, como o pai faz lá em casa (VILELA, 2015, p 104 -105).

Compreendemos que esses medos advêm de situações que ela mesma vive em casa, como o medo do avô fazer o mesmo que o pai faz com ela e seus irmãos. São marcas profundas que estão no íntimo da personagem, do conto que foi retirado o fragmento, a todo o momento a avó se mostra alheia à voz da neta, e um dos medos que ela tem é “até de que você não goste nem um pouquinho assim de mim” (VILELA, 2015, p. 105).

Vemos também que muitas vezes a literatura faz ferir, é assim que nos deparamos diante desse e de outros livros de Arriete Vilela. O conto *À procura de uma mãe*, como exemplo, tomado da obra **Maria Flor etc.** (2002), nome delicado que caminha entre a pureza e a delicadeza, deparamo-nos com uma narrativa que nos sensibiliza e provoca, pois a procura de afeto, de uma mãe, leva a personagem Maria Flor aos extremos, a prostituição. “Uma infância à margem de qualquer afeto e de qualquer esperança, sentimentos, aliás, cuja falta não lhe enrugava a alma justamente por nunca terem sido provados. Uma infância oca, feito um bambu acinzentado, em que o desejo da menina era ter uma mãe” (VILELA, 2002. p. 19). Esse desejo de mãe fez com que a personagem procurasse em vários lugares, em várias mulheres o acolhimento de uma mãe, quando encontra alguém que faz esse acolhimento, que oferece colo, a menina é instrumentalizada a ter relações sexuais com diversos homens, mas nada disso atingia Maria Flor, já que ter uma mãe fazia com que ela se sentisse bem com a realidade que estava vivendo.

Citada anteriormente, **Fantasia e avesso** também nos remete à infância, que marca a vida da narradora “foram muitos anos, é verdade, mas a fantasia ficou. Ternura da infância tragada num sofrimento nostálgico: um mundo ruído, pérolas erguidas além das brancas tristezas, além dos sonhos jogados na lagoa de baronesas vadias, um grande altivez vegetal”.

(VILELA, 1994, p. 45). A fantasia sempre constitui a lembrança das obras arrieteanas, seja do eu poético, como da voz narrativa, a fantasia simboliza a literatura, porque os sonhos que foram jogados fora, agora podem ser reconstruídos pela escrita literária que abrande as angústias vividas, porém essa infância sempre se apresenta com um tom de sofrimento nostálgico.

Pensando na poesia arrieteana, percebemos também como a infância tem destaque em seus poemas, como por exemplo, no *Poema 54* publicado no livro **Teço-me** (2014),

Poema 54

Flocos de infância
 refundindo-se,
 reinscrevendo-se,
 reinaugurando-se,
 tecendo-se

na lírica Palavra

para desvencilhar o coração
 das metáforas

e desalinhar no peito
 dor e amor.

(VILELA, 2014, p. 75)

O verso *Flocos de infância* que abre o poema constrói diversos sentidos, porque pela palavra, a infância se refaz, torna-se possível contar outra história, ainda mais, esse tempo marca tanto dor como o amor, esses flocos respinga sobre o eu poético, a infância sendo tecida na lírica Palavra germina um novo alcance, essa Palavra com P maiúsculo se refere à própria poesia. Desse modo, a infância se constrói através das metáforas, levando em consideração o que nos diz Bachelard “um excesso de infância é um germe de poema” (1988, p. 95), dessa forma, no *Poema 54*, a infância se instaura como um estágio inicial, importante para a escrita literária, abrindo espaço para a fantasia, já que há uma infância que grita em nós, como um “caminho perdido necessário” no dizer de Silva (2014, p. 7).

O olhar da escritora alagoana, sobretudo voltado para a infância, indica um tempo que fala de todos nós, olhar este que é capaz de transformar em palavra poética as realidades que enxerga, mas que muitas vezes se encontra no não dito, no olhar não dado, na palavra omitida, nos afetos negados, recolhendo assim, as dores, alegrias, ela captura, tritura, revela e cria outro mundo. Porém não apenas o mundo doloroso se apresenta nas obras arrieteanas, um mundo de fantasias também nos é evidenciado.

Para Baudelaire (1996, p. 16), “a criança vê tudo como novidade; ela sempre está inebriada. Nada se parece tanto com o que chamamos inspiração quanto a alegria com que a criança absorve a forma e a cor”. Seguindo esses pensamentos, vemos a força do novo no mundo da personagem arrieteana em **Grande Baú, a infância**, em que notamos um universo curioso da criança, “não sei por que artimanhas do meu anjo da guarda, tomei-me de amores pela bolsa da visita. Fiquei encantadíssima: foi um digamos, amor à primeira vista” (VILELA, 2015, p. 62), dessa maneira, ressaltamos que a narradora-personagem ao se encantar pela bolsa, utiliza-se da metáfora ao relacionar ao amor à primeira vista, ela fica inebriada diante do objeto misterioso. Igualmente, a poesia se apresenta como esse encantar, cada palavra poética é como um amor à primeira vista, que atrai o olhar da escritora.

Vemos também o espanto pelo novo, “eu nunca tinha visto uma bolsa tão vistosa e enigmática” (VILELA, 2015, p. 63), como vimos no *Texto 14* antes mencionado, tal objeto causa estranhamento ao mundo pacato dessa menina, agora estava diante de algo que a desafiava, que lhe atraía. “É à curiosidade profunda e alegre que se deve atribuir o olhar fixo e animalmente estático das crianças diante do novo, seja o que for, rosto ou paisagem, luz, brilhos, cores, tecidos cintilantes, fascínio da beleza realçada pelo traje” (BAUDELAIRE, 1996, p. 18). Posto isso, reverberamos que o olhar fixo da narradora sobre a bolsa revela ainda para nós uma comparação às próprias palavras que costumeiramente não fazem parte de seu convívio e quando elas aparecem despertam o desejo de conhecê-las, desvendá-las.

Além disso, a criança sempre procura significações no mundo, como também podemos relacionar ao conto *Inferno*, do livro **Infância** (2015), de Graciliano Ramos, quando o menino pergunta a mãe sobre o que é o inferno, ele não fica satisfeito com a resposta que recebe, assim essas personagens desafiam o que veem, o que ouvem, para repensar sobre si e o mundo que o rodeia.

A resposta de minha mãe desiludiu-me, embaralhou-me as ideias. E pratiquei um ato de rebeldia:

— Não há nada disso.

Minha mãe esteve algum tempo analisando-me, de boca aberta, assombrada. E eu, numa indignação por se haverem dissipado as tachas de breu, os demônios, o prestígio de Padre Inácio, repeti:

— Não há não. É conversa (RAMOS, 2015, p. 74).

O menino faz perguntas que a mãe não consegue responder com autonomia, diante de perguntas como: se alguém já esteve, se os padres já estiverem lá, ele desestabiliza a sua mãe. O olhar da menina de Vilela e do menino de Graciliano Ramos permite vermos que eles

transgridem os limites dos seus espaços, pois conseguem analisar e buscar explicações para o que os instigam, enxergando uma nova realidade por meio da fantasia.

Ainda sobre **Grande Baú, a infância**, a narradora desnuda as relações fragilizadas da família, a obra literária nos provoca, o devaneio da infância nos instiga a repensar como esse momento marca a escrita de Arriete Vilela, não só a dela, mas de todos nós. Os nossos primeiros anos estão no fundo da nossa memória, sendo esses anos detentor da liberdade imaginativa criadora, “uma infância em potencial habita em nós” (BACHELARD, 1988, p, 95).

Enfim, falar da infância é falar sobre algo que não morre em nós. As lembranças do passado, as memórias das pessoas que fizeram parte de nossas vidas constitui um universo que tantas vezes provoca a saudade de tempos bons e alegres, do aconchego da casa dos avós. Por outro lado, lembrar desses tempos em muitos casos significa andar por um caminho arduo, pois nem todas as lembranças são povoadas de amor. A infância que se faz presente em Vilela nos toca porque nos faz reconhecer na obra, a linguagem poética, especialmente as brincadeiras, hoje tão escassas, mas que fizeram parte de nossas vivências nos leva a compreender que o mundo da personagem é uma forma de compreender a nós mesmos.

3.2. Escrita poética narrativa

As mudanças que ocorrem com as pessoas, com o ambiente, também estarão presentes na escrita literária. Ao longo dos séculos vemos que a narrativa e que os versos ganharam novos contrastes. Principalmente com a modernidade, notamos a multiplicidade dos gêneros literários, a literatura ganhou novas roupagens, muitos escritores assumiram a hibridez para a sua escrita, tanto que a prosa e a poesia deixaram de ser campos definidos e distantes um do outro, hoje percebemos nitidamente que eles se fundem em inúmeras obras. Então, surge pela liberdade de criação uma escrita poética narrativa.

Para Proença Filho (2007, p. 73),

Vale registrar que as tradicionais modalidades da narrativa de ficção, bem como as manifestações em verso, vêm modernamente perdendo contornos; as formas vêm-se descaracterizando como tal, e novos modelos surgem desafiando a argúcia e a ciência dos estudiosos.

Posto isso, vemos que se trata de um verdadeiro embaraço abarcar as descrições pertinentes aos novos moldes de se pensar as estruturas dos gêneros literários, o mexer com os sistemas, quebrar tais estruturas emerge um campo significativo para a literatura que se abre a

refletir uma sociedade que começa a não aceitar apenas uma forma de ver o mundo, conseqüentemente à escrita espelha essa nova realidade.

Além disso, não só os gêneros passam por mudanças, mas a forma de olharmos a arte, como também o próprio escritor. O escritor no século XIX era valorizado em detrimento da obra, as obras não possuíam valor por sua estética, mas por pertencer a determinado literato, o autor era tido como o centro. Porém no século subsequente, a obra começou a ter um lugar de destaque, atualmente compreendemos que uma obra literária não possui maior valor estético por ter sido escrita por determinado autor, mas que, por uma sintonia da obra, com as escolhas feitas por quem a produz reconhecemos a sua singularidade.

Ivo (2004, p. 27) mostra-nos, por exemplo, que “se há uma evidência que me ronda, nesta etapa de minha vida em que já ouço o rumor da tarde, é a das mudanças estéticas transcorridas dentro e fora de mim”. O escritor absorve para si as mudanças que fazem parte da escrita literária, do mesmo modo que a literatura passa por transformações os ideais estéticos podem abarcar outros sentidos, como também apreender novas formas de escrita. Levamos em consideração que a arte é híbrida, os escritores também tomam para si essa hibridez, seja no gênero, seja nos temas que são abordados. Ivo é um poeta híbrido e as palavras se apresentam como um desafio para ele, a sua palavra o descreve e faz criar outro dele.

De acordo com Bosi (1986, p. 13), “a arte é produção; logo, supõe trabalho. Movimento que arranca o ser do não ser, a forma do amorfo, o ato da potência, os cosmos do caos”. Pensando na escrita literária remetemos a um trabalho artesanal, pois naturalmente podemos comparar com a ação do poeta, arrancar o ser do não ser, trazer forma ao que não tinha, ordenar os caos, são partes que insistentemente são abarcadas na literatura, esse mundo transfigurado que compõe um novo cenário para as nossas realidades.

Desse modo, descortinamos que a escritora alagoana possui em seu íntimo esse olhar artesanal para a palavra poética, um olhar poético para a realidade, analisamos em suas obras narrativas um espaço que a todo instante se entrelaça prosa e poesia, assim sendo, as narrativas de Arriete Vilela são caracterizadas como prosa poética, ora prosa, ora poesia se fundem, bebem da mesma fonte, ela e tantos outros escritores transgridem as barreiras estruturais. Nessa hibridez constante na escrita, ela narra os acontecimentos com sensibilidades poéticas que nos tocam, ora por nos encantar, ora por nos inquietar, então ressaltamos que a escritora alagoana metaforiza o real.

Tomando como exemplo **Grande Baú, a infância**, vemos como se constrói o olhar poético na narrativa,

Na lagoa o sol deixando vai uma cor alaranjada, meio que triste, tão, e bonita. As baronesas vão, pra onde não sei. Umam ficam, não me interessam estas. Gosto das que passam, sobretudo sozinhas. Desatreladas, à solta, saudade nenhuma, compromisso nenhum, nenhum apego. Desatadas na lagoa, vasto azul e branco, ciganas. Comoventes são, e corajosas” (VILELA, 2015, p. 19).

A narradora utiliza elementos figurativos que assemelha as baronesas a um ser humano, assim como as pessoas transitam, vem e ficam, às vezes só, *desatreladas*, *desatadas*, reverbera-se a liberdade que a menina gostaria de assumir para si, aquela que ela admirava. Por esse viés, Vilela trabalha cautelosamente as estruturas do texto, ora e outra por meio das vírgulas causa uma pausa, causa um novo efeito na escrita, a sua linguagem é permeada de poeticidade. Além disso, percebemos a repetição das palavras no fragmento “saudade nenhuma, compromisso nenhum, nenhum apego”, o que permite adentrar no sistema poético, muitas vezes essa repetição ocasiona a sonoridade das frases.

Para Fernando Paixão (2019, p. 152),

Em geral, a prosa poética costuma recorrer a figuras típicas da poesia, como a aliteração, a metáfora, a elipse, a sonoridade das frases etc. Contudo, o emprego desses elementos subordina-se ao ritmo mais alongado do discurso, voltado para ser, ao final das contas, uma boa prosa.

Dessa maneira, a prosa poética se caracteriza como um olhar lírico sobre a realidade, assim, a ausência da subjetividade, das figuras de linguagem, dos sons nas narrativas passam a dar lugar à hibridez na escrita, não há mais um ponto de separação, a poesia pode estar entrelaçada na prosa e vice versa.

Segundo Paz (1982, p. 26), “o poeta põe em liberdade sua matéria”, a escritora alagoana revela um mundo de liberdade através da escrita, como podemos ver no conto *Flor de esterco*, o qual pertence à obra **Maria Flor etc.**

E então, numa manhã desfolhada, agarrado à velha jaqueira sem viço, como se esquetejasse ao sol forte, ela pariu a menina. Sozinha, puxava-a de dentro de si, vociferando desesperos, pragas, funestas morbidezas – queria amputar para sempre do seu corpo aquela protuberância feia e suja, saída como uma golfada, um coágulo (VILELA, 2002, p. 36).

Assim como uma planta desfolhada, sem vida, a personagem do conto expeliu de dentro de si o fruto de uma relação suja, a menina que fora abusada pelo próprio pai, amputa aquele ser que era como uma nódoa no seu corpo, feito estigma, mancha. A voz narrativa mediante as metáforas desvela os sentimentos daquela menina, como uma golfada, como um coágulo, a filha vem ao mundo. A criança nascida é flor de esterco, simbolizando o

excremento, a sujeira da relação que deixou marcas infindáveis no seu corpo e na sua alma. Assim sendo, a escritora usa um jogo metafórico para representar o abuso sexual, a sua liberdade criativa permite que construa por meio de imagens, um espaço poético, a dor, a sujidade, as marcas indeléveis são narrados para além de uma linguagem comum, prosaica, vemos que a poesia se imbrica em sua linguagem.

Para Bosi (2000, p. 132), “a palavra poética recebe uma espécie de efeito mágico do seu convívio estreito com o modo singular, pré-categorial, de ser de qualquer um desses aspectos”. Esse efeito mágico é configurado na escrita de Vilela, sua prosa é intimamente poética, os seus escritos deixam marcas perceptíveis de um jogo com a palavra, não são simplesmente fatos narrados, são histórias que nos tocam, que nos impactam, nos tiram da nossa zona de conforto, quando nos deparamos com textos que nos exige adentrar nos detalhes dos seus sentidos.

Tomamos como outro exemplo, o conto *Os olhos da menina* que também faz parte da obra **Maria Flor etc.**

Os olhos da menina feriam-se de luz, na manhã de verão mundano. Ela se sabia um olhar incômodo, lodoso, de véus e véus encardidos. Mirava alguém, punha-lhe sobre o rosto bronzeado e descontraído o peso de seu olhar sem perdão: um olhar cru e triste, que lhe vinha de muito dentro, da grande escuridão que era o seu peito, que era a sua vida, que provavelmente era o seu futuro (VILELA, 2002, p. 52).

O olhar da menina descrito pelo narrador se povoa de metáforas, um olhar lodoso, sujo, em que o véu não cobre todos os sofrimentos que se escondem nela, um olhar cru, sem piedade, cruel, remete o que ela leva dentro do seu interior. Uma vida sem sentido, escura, marcada pelos desafetos da vida e pela miséria e que mais tarde a levaria a uma vida de prostituição, os corpos dos homens aprofunda a dor da menina, e o único momento que pode fugir dessa realidade é dormindo, “em sonhos, esperança-se” (VILELA, 2002, p. 54). Observamos que a escrita poética narrativa se apresenta através de imagens poéticas, não parecia mais existir verão na vida da personagem, nada simboliza a claridade, só há escuridão, e Vilela adentra pelas palavras nos espaços intocáveis, embora o conto narre fatos dolorosos para o leitor, esses fatos não excluem a Beleza estética da obra, como nos diz Paz (1982, p. 35), “[...] a beleza não é palpável sem as palavras”, a arte como transfiguradora das realidades muitas vezes nos coloca diante de uma beleza deslocada que se faz visível pelas palavras.

Uma das obras de Arriete Vilela que mais podemos enxergar a prosa poética se trata de **Fantasia e Avesso**, quando a narradora diz que “a fantasia, amor. O avesso dos fatos, a

realidade fibrosa, a palavra à espera. A saudade enovelando o coração, o mesmo segredo, semente viva. Os olhos no mar cheio de pedras, o clímax e a dor do desejo” (VILELA, 1994, p. 13). Por essa citação, já analisamos que não se trata de uma narrativa comum, tanto que a poesia parece prevalecer em todo o texto. Existe a narradora e uma voz lírica que soa a questão do poético, as metáforas, os jogos de sentidos que são produzidos nos tiram de um lugar costumeiro da linguagem.

Assim, compreendemos como ocorre a poesia na prosa arrieta, que tece um novo sentido para a linguagem poética. Ainda sobre essa obra, ela tem uma voz feminina que narra às histórias, que se dirige a outro, mas que não há a presença de demais personagens o que difere dos romances clássicos, apresentando uma estrutura desconstruída. Ao longo de toda a obra, vemos que o discurso poético amoroso insistentemente prevalece na narrativa, ressignificando o próprio molde dos gêneros literários.

Nas obras de Vilela, podemos constantemente perceber, então, que a narrativa se mistura com os versos, além da parte gramatical não seguir uma linearidade, os seus textos sempre foram carregados pela prosa poética. A poesia que possui um papel ímpar na vida da escritora pinga em cada escrito seu, o seu olhar não fala apenas de fatos vividos ou notados, mas a poeticidade é visível e esses acontecimentos se mostram pela Palavra.

Em suma, a poesia está para além do poema, ela também pode estar presente nas pessoas, na natureza, naquilo que é mais vil na sociedade, e como temos ressaltado, pode fazer parte da prosa. Notamos que a sociedade contemporânea muitas vezes perde a sensibilidade poética, devido à imersão da negatividade que compõe o cenário de nossas cidades, a correria, o materialismo afastou o ser humano da relação com a arte, e os escritos de Arriete Vilela nos propõe outra análise para o nosso redor, a poesia viva se mistura com as letras e com nós mesmos.

4. A ESCRITORA E A PALAVRA: REVIRANDO O BAÚ

[...] Nos meus momentos de solidão criativa, às vezes tomo do baú de pouco mais de dez centímetros, abro-o com delicadeza e olho o seu interior. De lá, então, retiro lembranças que me proporcionam o melhor dos entretenimentos: a minha literatura (VILELA, 2015, p. 127).

Na conclusão desse trabalho refletiremos sobre o vínculo de Arriete Vilela com a Palavra, abordando como ela constrói os textos. Faremos uma análise sequencial do nosso *corpus*, e assim percebermos como a escritora alagoana brinca com a produção literária, entrelaçando sentidos diversos com a linguagem, quebrando até mesmo as formas estruturais. Abordaremos também a escrita literária, a partir da visão do real, fictício e da imaginação como constituintes das obras literárias e como a infância simboliza o baú das memórias, no qual, a autora pode adentrar e tirar a sua literatura.

A obra **Grande Baú, a infância** é narrada por uma personagem protagonista. Em alguns momentos há discursos diretos das personagens que constituem parte importante para a construção da narrativa. Conhecer essa obra nos evidencia que as palavras precisam ser saboreadas, que elas abarcam mais sentidos quando se entranham no espaço poético. Nos contos, há a predominância de uma retórica interna, de uma linguagem cautelosa, metafórica, imagética. Como podemos constatar “quero alcançar, da mais amarela cor, que nem ouro ou gema ou sol, a flor eleita pelos meus olhos de muitos sonhos” (VILELA, 2015, p. 27). A flor era um verdadeiro fascínio para a narradora-personagem, e por meio de comparações, a flor se torna muito além de uma simples parte de uma planta. Pela palavra poética tudo é possível, assim, por meio da linguagem vem o afeto, das dores sentidas ela cria e esse olhar atento aos detalhes sublinha a estética arrieteana.

Arriete Vilela abre a primeira parte do livro, nomeado *Cirandinha*, com uma cantiga popular, e em todos os contos da primeira parte, isso irá se repetir, compreendemos que a cultura popular aparece como uma forma de entender a infância. Os contos transitam em acontecimentos simples do dia a dia de uma menina que vive em meio a relações fragilizadas, porém carrega a fantasia dentro de si e essa fantasia a faz viver o ofício de uma escritora. A segunda parte denominada *Empresta-me os bilros, avó?*, não há a presença dessas cantigas, a relação com a avó é marcada por pegar emprestado os bilros, diferentemente de fazer bordados em tecidos, a narradora revigora o bordado na escrita literária.

Salientamos que a escritora não nomeia os contos de modo a que estamos acostumados, denomina-os como textos seguidos de número e cada parte da obra contém 14 contos. A partir daqui, faremos uma análise sequencial dos contos. No *TEXTO 1* é narrado sobre a canção que chega até a menina, mas não lhe é permitido brincar lá fora com as outras crianças. Notamos que desde o início da obra, a escritora alagoana aborda uma nova forma de usar as palavras, “da praça a canção me chega. Alegre vem, alegre se torna, de risos lá entremeada. Ir não posso. Ordens de lavar os pratos da janta” (VILELA, 2015, p. 13). Em ir não posso, há uma inversão da fala, as contínuas pausas sejam por ponto ou vírgula espelha uma quebra estrutural das narrativas tradicionais.

Ainda acerca do primeiro conto, enxergamos que por meio de falas entrecortadas, de períodos curtos, a personagem evidencia um mundo de pausas. “Devo ir. Preciosa ideia. No banheiro está. Novo, redondo. Na mão escorrega, que a mão tem do sabão a espuma” (VILELA, 2015, p. 15). Nesse fragmento somos postos diante de uma linguagem que não estamos habituados, os pontos refletem um texto não linear, não existe pressa na voz da personagem, ainda mais, esse jogo com as sentenças estão além de regras gramaticais normativas. Como constatamos na citação de Compagnon (2009, p. 38), “brincando com a língua, a poesia ultrapassa suas submissões, visita suas margens e enriquece-a violentando-a”.

Essa desconstrução na forma, também podemos perceber no livro, **a morte de paula d.**, de Brisa Paim (2009, p. 12),

meu pai me falou em beterrabas. o meu em pepinos. tem uns que falam em repolhos. um dia eu apareci prenhe. é, um dia você apareceu prenhe. como era grande a sua barriga, e você tão pequena. depois nasceu um menino depois o outro.

Ao subverter a pontuação e demais elementos de uma narrativa convencional, a narradora de Paim constrói um mundo contraditório em que ela não se sente nele, como se mostra na linguagem artística, ao começar o início de frase com letra minúscula, além disso, uma vez e outra, palavras maiúsculas são misturadas na narrativa, até a pontuação é por parte do leitor, nesse excerto mencionado acima, por exemplo, há um diálogo entre a personagem protagonista e o marido. São esses exemplos que nos fazem notar como o romance de Paim, desde o título da obra, transgride os limites das estruturas da forma e do conteúdo. Assim, Vilela também com uma linguagem transgressora rompe com os moldes das narrativas clássicas, refletindo o quanto essa estrutura diz sobre a própria personagem que vive em meio a contextos de desordens.

Retomando o **Grande Baú: a infância**, no *TEXTO 2*, a narradora reflete a sua forte ligação com a fantasia, o seu olhar observador tira sentido de coisas que parecem ser insignificantes, como das baronesas que atraem a sua atenção e através delas vem a imaginação criadora, “coisas penso das baronesas [...] Meu olho de inventar histórias acompanha cada uma, até de vista perdê-las. Tecendo destinos diversos. Pois bom é imaginar; afinal, pra que te quero, fantasia?” (VILELA, 2015, p. 20). A fantasia intrínseca na personagem protagonista se relaciona com a literatura, através do jogo ficcional e real, Vilela abarca uma realidade em que a imaginação entra como parte fundamental para a escrita, as baronesas deixam serem meras plantas aquáticas para se atrelarem ao processo de escrita, o de tecer destinos, narrar histórias. Revigoramos que a imaginação literária se desvela como uma forma de compensar o que falta no mundo, viabilizando “a reconstrução do mundo pelas palavras” (PERRONE-MOISES, 1990, p. 104), a personagem arrieteana consegue reescrever o seu mundo através da fantasia que se materializa pela Palavra.

No conto seguinte, *TEXTO 3*, também constatamos como a menina tem uma relação poética com as coisas que estão ao seu redor. Ela questiona sobre colocar sentido na casa, de olhá-la quando a mãe sai, “botando sentido em besteira, no reboco de parede, num talo de picolé, na pedra do calçamento, na pintura descascada do postigo” (VILELA, 2015, p. 22). Por causa dessa realidade, muitas vezes lhe era negado fazer partes das brincadeiras que ocorriam ao redor de sua casa.

Ainda mais, no *TEXTO 4*, a personagem protagonista fortifica a atenção que tem, “observo as brincadeiras, espetaculoso cada movimento das mãos. Boa espectadora sou, atenta, quieta, receptiva” (VILELA, 2015, p. 25). Algo que a encanta profundamente é a flor amarela, a qual chama a flor do desejo, “gosto de ser ela silvestre, assim espontânea, sem carecer de cuidados nenhum” (VILELA, 2015, p. 26). Por meio da palavra, a personagem transcende para o mundo das realidades não visíveis, o desejo de ser espontânea, sem cuidados nenhum, simboliza o anseio de autonomia, de liberdade, sentimentos que só vai conseguir depois, escrevendo.

Ainda sobre a flor do desejo, “não no dedo o botão quero. De gente grande brincar interessante não acho. Mas a flor, sim. Amarela. De poucas pétalas. De lisa pele. Como uma promessa, a flor, implícita renovação” (VILELA, 2015, p. 26). É interessante notarmos, como Vilela reestrutura os limites da escrita padrão, fugindo do esperado, do imediato. As narrativas que compõem essa obra incessantemente denotam as falas entrecortadas, o que configura um estilo relevante na escrita contemporânea. E do mesmo modo que a flor surge

como uma promessa, como uma renovação, a literatura também abarca a essência de renovar a nossa visão para o que enxergamos, produzindo uma renovação em nós mesmos.

No *TEXTO 5* e no *TEXTO 6*, espelha-se momentos específicos com o pai, a menina que, “de sonhos venho. Tantos, e diversos” (VILELA, 2015, p. 28), é acordada por um recado enviado por ele, refletindo inclusive um acordar para uma realidade cruel, saindo do momento em que pelos sonhos podia ter esperança. Nela foi descontado todo ciúme, raiva, que sentira pela mãe dela, “e entre as pernas, a escorrer da calcinha de morim, uma vexatória diarreia: consequência da brutalidade, da estupidez do pai” (VILELA, 2015, p. 30). Em um momento de outra narrativa depois das brigas entre o pai e a mãe, ele resolve ir embora e no desejo de um retorno, a menina esconde uma calça dele, “mas o pai não veio. E a calça de linho, bonita tão, de vinco perfeito, os cães da noite, vadios destruidores dos sonhos de uma menina, estraçalharam-na impiedosamente” (VILELA, 2015, p. 33). Os seus sonhos frequentemente eram destruídos, os maus tratos sofridos em casa revela o espaço da dor que ia sendo marcado em suas lembranças.

Já no *TEXTO 7*, reverbera-se a solidão que faz parte da narradora-personagem, “cotidiana solidão” (VILELA, 2015, p. 34). E só de longe pode vivenciar a liberdade que existe nas outras crianças, “meninas brincam, cantam. Alegres, as cantigas de roda. De cor sei quase todas, ou todas mesmo, mas cantar não canto” (VILELA, 2015, p. 34), a menina se sentia um pássaro preso, já as outras meninas eram como “livres passarinhos contentes, penso delas” (VILELA, 2015, p. 35). Em um período que é chamada para brincar ela sinaliza uma diferença entre ela e as outras crianças “[...] elas são felizes, feliz estou” (VILELA, 2015, p. 36). O sentimento de liberdade, de felicidade não é vivo na vida da narradora, apenas momentos rápidos a permitia viver isso. O seu cantar era para dentro, daqueles pássaros cujo canto não é totalmente feliz, por alguns instantes havia a alegria de ser pássaro livre, porém a felicidade sempre seria clandestina para ela.

Nos contos *TEXTO 8, 9 e 10*, perenemente observamos a dureza, os sofrimentos que constituía a história dessa menina, da alegria em ir ao circo com a mãe e na volta encontrar o pai em um caso sexual com a empregada, sentimentos alegres duradouros nunca pareciam ser constantes em sua vida. Do limão simbolizando o amargo entretenimento vivido pela mentira da dona da quitanda, sobre o ouvir as verdades das outras crianças na brincadeira da berlinda. “Choro. Talvez não pelas verdades que me foram ditas. Mas pelo que elas, as meninas, conseguir não conseguem ver em mim: a minha voz doce, os meus olhos de jabuticaba e, sobretudo, o meu riso contentinho só de observá-las sendo felizes...” (VILELA, 2015, p. 48). Havia também nela um desejo de ser vista como de fato era, com um tom psicológico vemos

que a menina compreende quem ela é e espera que as outras meninas também procurassem enxergar isso.

Ainda no *TEXTO 11*, a menina menciona sobre os sofrimentos que ferem seus ouvidos e sua alma, como os gritos e os palavrões de sua mãe, “encolher me fazem, murchar tristemente, como a plantinha sensitiva que, à beira da estrada, no sítio do avô, às vezes toco” (VILELA, 2015, p. 49). Notamos que incessantemente a personagem protagonista usa imagens poéticas para falar sobre o seu mundo triste, como a plantinha sensitiva. No *TEXTO 12*, a narradora ressalta o cumprimento de ordens que fazem parte de sua vida, na tentativa de testar a fidelidade da filha, os pais entregam um bilhete para ela entregar a alguém, depois a menina ver que o papel estava em branco, “maneira estranha, incompreensível e estúpida de testar uma criança, sua esperteza e fidelidade” (VILELA, 2015, p. 57), fidelidade essa que da infância só deixaram ruínas em sua memória. Já no *TEXTO 13*, a personagem protagonista narra o momento em que sua mãe cai da escada, a negação do pai em ajudá-la, são subsídios para compreendermos quantas situações difíceis formaram a vida da menina arrieteana.

No *TEXTO 14*, último conto da primeira parte *Cirandinha*, é narrado sobre a bolsa de uma mulher que visita a sua mãe, o envelope não lido, os mistérios, o universo feminino que permeia a bolsa enigmática para a menina. Segundo Belmira Magalhães (2001, p. 133) “[Arriete Vilela] utiliza uma linguagem desestabilizadora da ordem gramatical, permitindo assim a construção de um efeito discursivo de ambiguidade, de contradições, não linear, pois o narrador adulto olha o passado e o recompõe [...]”. Nesse conto é perceptível à desestruturação na narrativa, em certos momentos sentimos a voz de uma menina, mas o conto termina com a voz de uma mulher adulta, constituindo um espaço deslocado de tempo. Além disto, essa é uma das narrativas em que a metalinguagem é sensivelmente sentida,

Surpreendo-me. Como este envelope sobreviveu ao tempo, às mudanças de endereço, às arrumações? Onde ele se escondera? Como pôde guardar-se fechadinho, sem se arriscar a desafiar o meu interesse de escritora, como outrora aquela bolsa instigara a minha curiosidade infantil para abri-la? Em que outros papéis ele se metera, fiel àquela mulher raivosa, de modo assim tão discreto, tão paciente, deixando-se ficar no tempo a guardar, quem sabe, um segredo? (VILELA, 2015, p. 67- 68).

Dentro do mundo de novidades que existia dentro da bolsa vistosa e provocadora, no dizer da própria personagem, havia também um envelope lacrado, que carregava em si um cheiro delicado, já em outra fase de sua vida, a menina mulher encontra o envelope evidentemente sem cheiro, simbolizando um mistério infantil que talvez relevasse segredos

daquela mulher, e se pergunta então, como ele pôde guardar-se fechadinho sem desafiar o seu interesse de escritora. Nesse ângulo, revemos a capacidade da literatura refletir sobre si mesma, o mistério guardado em palavras não lidas, “não, não devo abri-lo. Fecho os olhos e finjo que não o sinto escapar-me, esconder-se” (VILELA, 2015, p. 68), em alguns momentos a arte literária deixa escapar alguns mistérios para nos revelar outros, e as palavras poéticas se abrem inteiramente à criação da escritora.

Na segunda parte, *Empresta-me os bilros, avó?*, já notamos pela nomeação que ecoa o trabalho literário, esses bilros agora são diferentes, os bordados são outros. A cirandinha triste pode entrar no misterioso espaço da avó para também tentar entender a si mesma, e a palavra para ela vai provocar a reconstrução da sua história, o momento na casa da avó simboliza o recomeço, o adentrar a infância, a cacimba, o baú, reescrevendo-se.

Nos *TEXTOS 1 e 2*, percebemos que existe uma realidade muito interna, psicológica, da menina compreender a avó, entender sua história e suas dores, há um desejo de penetrar em seu íntimo, ela parece viver em outro mundo e isso chama a atenção da personagem protagonista. “Penso em como gostaria de entrar no retorno da avó. Clandestina e silenciosa” (VILELA, 2015, p. 79). Essa busca incessante de entender a vida da avó a leva a refletir cada ação dela, “angustio-me, cá na gamela, ao ver ir descendo a noite, e avó ali, quieta, tão, consumindo-se em recordações, os olhos para além da cerca do quintal. Para além dos rebentos de luz no céu que escurece. Para além do meu entendimento” (VILELA, 2015, p. 81). Estando fora de seu entendimento, só pela imaginação ela poderia tentar compreender as situações que formaram o perfil silencioso e solitário da avó.

No *TEXTO 3*, a narradora fala sobre a cacimba, ainda mais, aborda sobre o momento do banho,

Só areia, o sabonete. Carrasquento como da jaca a casca: aspereza a me lanhar a pele. Perceber a avó não percebe. Mergulhada em si mesma, a mim me ensaboia sem notar o quanto me fere.

No corpo e na alma.
(VILELA, 2015, p. 85)

Dessa maneira, como o sabonete cheio de areia fere o seu corpo, a menina também é ferida pelo distanciamento da avó, por meio de um tom psicológico e comparativo sentimos a poeticidade nessa citação, e como vimos na primeira parte do livro, a segunda parte também reflete as dores que ela carrega.

Já no *TEXTO 4* contemplamos fortemente que a personagem vive em duas dimensões: o da cirandinha e dos bilros. O mistério da avó e o exercício da renda feito periodicamente,

também instiga a menina, fazendo questionamentos, como por exemplo, se era possível fazer renda se escrever, então a personagem ressalta a escrita literária. No *TEXTO 5*, notamos os passos enigmáticos feitos com a avó até o cemitério, a menina fala também sobre um céu bordado de amarelo, para ela o bordado, o amarelo trazem sentidos importantes. E no andar de mãos dadas com a avó havia um contentamento, e o seu olhar de poeta a faz questionar tudo, “que segredos terá vindo a avó guardar no cemitério?” (VILELA, 2015, p. 92). No seguinte, *TEXTO 6*, o desejo de não brincar pelas machucaduras no corpo para evitar as perguntas das outras crianças se torna visível,

Às vezes, machucada estou, mancha roxa no braço ou nas costas – estupidez do pai, ignorância e excesso: mal jeito no bater com o cinturão ou no empurrar-me porta afora. Então vergonha tenho de, entre as outras crianças, brincar. Perguntadeiras são, e tanto, curiosas (VILELA, 2015, p. 93).

O corpo magro e tímido da menina guarda a sua alma esfarrapada pelos adultos, que insistem em deixar marcas permanentes. Também nesse conto, a narradora expressa o seu medo em relação ao escuro e o pedido para que a avó acenda o candeeiro, no acender e apagar dele “é uma dor quase contente: no acender e apagar o candeeiro, exaure-se a avó, noite adentro, por mim” (VILELA, 2015, p. 96). O sentimento de algo ser feito para ela provoca uma ligeira alegria de quem é marcada pelos pequenos afetos.

No *TEXTO 7*, as borboletas são constantes nas fantasias da narradora, o mesmo não acontece com o camchimbau, deserdando-o de sua fantasia. A imagem do ziguezigue não causava a mesma emoção que a das borboletas, “preso não vale nada. Sequer uns voos rasantes. Diferentemente das borboletas. Delas gosto, das amarelas sobretudo: roçam-me os cabelos, brincam-me” (VILELA, 2015, p. 98). A sua visão metafórica faz criar histórias, mundos diversos para as coisas que estão a sua volta. Pensando agora no *TEXTO 8*, a menina também sente possíveis demonstrações de amor vindo da sua avó, quando ela come o seu arroz, comida esta que tinha sido causa de desavença entre a menina e mãe,

Ao ver a avó comendo o meu arroz, chorei. Contornando, com o dedo indicador, os quadradinhos da toalha de xadrez, cabisbaixa, chorei muito, e tanto, de fazer dó. Ninguém nada não disse, mas avó pousou delicadamente a sua mão no meu braço. Apertou-o de um jeito que achei que era afeto, embora distraído.

Talvez a avó me amasse.
Talvez. (VILELA, 2015, p. 103).

No *TEXTO 9*, podemos perceber que a avó nunca permite que a neta faça alguma tarefa, mas o que mais atrai é o momento em que a menina expõe todos os seus medos, e avó

parece alheia a tudo que ela fala. Os medos da personagem são provenientes de situações vivenciadas em sua casa.

Nos *TEXTOS 10 e 11*, percebemos que a escritora é por natureza observadora e isso também fazia parte da narradora-personagem “apenas observo. As coisas miúdas percebo, boto sentido em besteira, insignificâncias” (VILELA, 2015, p. 108). Em um determinado momento, em meio a delírios provocados pelas histórias ouvidas e pela febre alta, a menina tem pela primeira vez um colo verdadeiro “e então, pela primeira vez nessa infância desolada, sou embalada num colo amoroso, enquanto o avô, ao lado, assobia baixinho umas cantigas de ninar...” (VILELA, 2015, p. 113). Já no *TEXTO 12*, a narradora diz, “não sei por que estou sempre encantada com esse jeito da avó, que nem parece ser desse mundo, de tão distraidinha que é, e tão alheia a tudo” (VILELA, 2015, p. 115), vivendo o exercício poético, a menina encontrava na sua avó uma das suas grandes inspirações e ela sempre procura histórias nos simples acontecimentos.

Por conseguinte, no *TEXTO 13*, a menina se interessa pela vida de um pedinte, “Zé Cocó então se vai, arrastando-se quase, encurvado e triste, e meu olhar de menina vai acompanhando aquele farrapo humano com uma tal compaixão que só uma criança pode sentir” (VILELA, 2015, p. 119). E no desejo de conhecer mais sobre ele, entra na aventura de ir com o avô ao povoado que o pedinte mora, mas o avô não gostou muito da ideia, pois criança é sempre reinadeira, e ela narra, “eu, particularmente, sou muito curiosa, fico perguntando besteira” (VILELA, 2015, p. 120). Toda a curiosidade que permeia a vida da menina só transparece mais ainda a relação com o discurso poético, o escritor é curioso, perguntador ou não, retira das situações vistas a sua expressão poética. Por fim, no último conto, *TEXTO 14*, é narrado sobre a visita ilustre da tia-avó, falando sobre o tempo simbólico que é o natal, momento em que a menina deseja fortemente que os seus pais deem trégua nas brigas, e nessa narrativa ela recebe o baú, parte importante para o nascimento de sua literatura.

Levando em consideração **Grande baú, a infância** e o termo criação literária, conforme apresenta Perrone-Moises (1990, p. 100) os estudos evidenciam que por meio de uma determinada teoria literária “o autor instauraria um mundo novo, nascido de sua vontade e de sua palavra”. Destacamos que os textos de Arriete Vilela são metalinguísticos, que a escritora permanentemente trabalha a multiplicidade das palavras, o mundo é constantemente reformulado através delas. Assim, o artista pode manipular, criando um mundo paralelo, é dessa forma que vemos a relação da escritora alagoana com a palavra.

Portanto, para escrever é necessário revirar o baú, olhar atentamente para tudo que ele guarda. A poeta pode fitar os tesouros guardados na memória para poder reescrever o seu mundo e o mundo de todos nós. Na obra arrieteana, a personagem protagonista recebe um baú de presente, “quero dar-lhe um presente: este bauzinho. Quando você se sentir só, abra-o e olhe o que há dentro dele” (VILELA, 2015, p. 127). Muitas vezes o processo de escrita perpassa por um processo solitário, olhar o interior do baú, pode significar enxergar o interior das pessoas, os detalhes que existem em sua volta, que ao ser captado por seu olhar deixa de ser uma simples realidade para que agora o real possa ser metaforizado.

4.1. De cirandinha aos bilros: o nascimento da palavra poética

A obra literária não procura mostrar quem a fez, mas sim um modo de enxergar a nós mesmos, por isso, a poesia continuará sendo necessária nesse contexto de relações fragilizadas e apressadas que nos esbarramos continuamente. De *cirandinha* aos *bilros* compreendemos que a menina das cantigas de roda cede lugar a uma mulher que recomeça a sua vida bordando palavras, feito poeta.

Grande Baú, a infância é uma obra literária que fala sobre o fazer literário, notamos que o nascimento da produção poética para a narradora-personagem se constitui em dois momentos importantes. O primeiro é representado pela cirandinha, às cantigas populares trazem um sentido relevante para a parte inicial, desse modo, os resgates das brincadeiras de roda nos faz refletir sobre a infância que assistimos hoje, o quanto é distante das brincadeiras, do contato com o outro, e a arte literária nos provoca inclusive diante dessas realidades.

Nessa parte é evidenciada a relação conflituosa da personagem com os pais, também é ressaltado o olhar fantasioso, criador de histórias que faz parte da menina desde o começo da obra. As palavras poéticas que surgem na voz da personagem nos faz entender essa visão metalinguística, de procurar as palavras, reinar, remexer. Posto isso, evidenciamos que a língua é viva, e por não ser estática é passiva de alterações, novos modos de falar podem surgir, principalmente nas mãos do poeta. Muitas imagens poéticas marcam a parte da cirandinha, como as baronesas, a flor amarela, a borboleta, e segundo Bachelard (1988, p. 187) “mas, para uma simples imagem poética, não há projeto, e não lhe é preciso mais que um movimento da alma. Numa imagem poética a alma acusa a sua presença”. Então, por meio dessas imagens reverberamos os elementos poéticos que compõem a obra, a estética consegue mexer internamente conosco.

Na segunda parte, é narrado à vivência da menina com a avó, sendo o clímax do nascimento da literatura para a personagem, nesse contexto, os bilros, o baú, representam ferramentas fundamentais para que exista o dado poético. A menina instigada por ver a avó tecendo, faz questionamentos, e na resposta negativa de pegar a tabuada, ela diz,

A tabuada não pego. Mas um caderno. Nele, pequenas palavras escrevo, à toa.

Como uma renda, ao som dos bilros da avó, à fresca da tarde...
(VILELA, 2015, p. 89).

Para Dantas (1999, p. 125) “na analogia, já a vocação, já o desejo inconsciente de fazer da palavra renda poética, cujos fios tecerem o imaginário voltado para os fatos da infância”. Assim, Vilela faz da palavra renda poética, tratando-se de um bordado diferente feito por meio da linguagem que ressalta os anos iniciais, nesse conto recheado de fantasias, imaginação, a autora alagoana abarca sentidos próprios de quem escreve poesia.

Embora sejam momentos divididos, *Cirandinha* e *Empresta-me os bilros*, avó? se complementam, a relação com a avó não exclui a ligação com os pais, e tudo que fora vivido em casa permanece na memória da menina, principalmente as marcas dolorosas deixadas pelo âmbito familiar. Consequentemente a parte vivida com a avó, com o mistério que estava em volta dela, a permitia esquecer um pouco desses sentimentos doídos, “distraio-me do pai e da mãe, às turras sempre, um no outro batendo, um ao outro xingando, maltratando-se, às fofocas expondo-se. Distraio-me deles: dois tolos em judiação mútua dia e noite” (VILELA, 2015, p. 87).

Além disso, Arriete Viela ao falar da literatura parece que nos mostra uma receita para a produção literária, o artista fala do seu mundo, de suas realidades, devaneios, ao mesmo tempo em que propicia que outras vozes surjam em sua voz. “Cirandinha triste no peito. Ainda hoje” (VILELA, 2015, p. 15), é assim que se encerra o primeiro conto da obra, a menina personifica a cirandinha, compreendemos como a literatura pode dar novos sentidos para os signos linguísticos. Ademais, a personagem era diferente das outras meninas ao seu redor, a cantiga sempre chega até ela, mas não pode brincar e cantar livremente, “Ciranda, cirandinha na praça, ouço. Tenho pressa, mas as ordens! Terríveis são as ordens: ‘Se cheiro de peixe deixar nos pratos, volta para lavar tudo de novo’ (VILELA, 2015, p. 14), os afazeres da casa praticamente a fazia viver como uma refém.

Como já temos refletido em todo o trabalho, a linguagem arrieteana é marcada pela autorreferência e não é diferente com essa obra, em muitos momentos como já temos

evidenciado, podemos perceber a ligação da narradora com a escrita literária. Como o olhar criador de histórias “pois que mar agora não é. Bordada está de baronesas, damas altivas da lagoa, arrogantes meio que, andejas, arredias muito. Entretém-me esse desfile soberbo” (VILELA, 2015, p. 19). Palavras como damas altivas, arrogantes, arredias, desfile soberbo, representam ações humanas que agora são atribuídas às baronesas.

Desse modo, podemos dizer que o espaço da escrita literária está rodeado de mentira, pois, é necessária para o ato de imaginação que perpassa pelo autor do texto, como diz Iser (2002, p. 975) “[...] o mundo presente no texto é mundo representado”. Sendo assim, é representado através do imaginário, já que pela palavra se pode reformular o mundo, transgredindo os limites da realidade.

Segundo Paz (1982, p. 54), “quando um poeta encontra sua palavra, reconhece-a: já estava nele. E ele já estava nela. A palavra do poeta se confunde com ele próprio. Ele é a sua palavra. No momento de criação, aflora à consciência a parte mais secreta de nós mesmos”. A palavra que jorra de Vilela se confunde com ela mesma, a criação literária traz luz as palavras que são inseparáveis do seu ser, e a infância é a parte secreta da escritora que é afluída em seus escritos.

Reverberamos que a escritora fala a partir de suas vivências, de tudo que consegue alcançar por meio da observação, para Paz (1982, p. 54) “as palavras do poeta são também palavras de sua comunidade”, é dessa forma que enxergamos a produção poética que se materializa na vida da personagem, ela escreve sobre o seu lugar, a sua imaginação surge do que está perto dela. Compreendemos também que o *poeta é um fingidor*, como nos diz Fernando Pessoa, assumindo, dessa forma a capacidade de escrever sobre si e sobre o outro, de aparentar ter vivido o que é narrado ou expresso pelo eu-lírico. Todas essas relações do escritor com a sua criação perpassa por um jogo que envolve o real, o fictício e o imaginário, como nos mostra Iser (2002, p. 959), “[...] no ato de fingir ocorre uma transgressão dos limites entre o imaginário e o real”. A literatura é marcada pela transgressão, como vemos na obra “meus olhos conferem singularidade aos seus passos e, por isso, sigo-a às escondidas. Penso, talvez, que um dia ela atravessará a cerca do quintal e, magicamente, entrará no seu próprio mundo, ao encontro de si mesma” (VILELA, 2015, p. 86). A relação psicológica cria um espaço imaginativo na narrativa, magicamente evidencia o fictício misturado aos sentidos reais.

Além disso, muitos teóricos definem a literatura como uma falta, de acordo com Perrone-Moisés (1990, p. 103) “a primeira falta é a experimentada por todos, no mundo, no mundo físico a que chamamos de real”. Isso significa que vivemos em uma realidade

insatisfatória, o que vivemos, o que enxergamos ao nosso redor, pode ganhar novos sentidos por meio da literatura. Vemos em **Grande Baú, a infância** uma dessas realidades de falta, “em mim ele desconta seu ciúme, seu despeio, sua ira. Menina sou, e frágil. O pai, porém, parece nas mãos ter um saco de batata – soca, sova-me, bate em mim sem piedade” (VILELA, 2015, p. 30). A imagem de um pai protetor, amável, caracteriza uma falta no ambiente da menina, ela que constantemente vive a mercê da violência física e emocional.

Então, por esse fragmento, concebemos que nem sempre o que é apresentado na narrativa literária compensa de modo positivo as insatisfações nas quais vivemos, pois em muitas obras veremos um espaço incompreensível, de mazelas, dores, solidão. Assim, conforme Perrone-Moisés (1990, p. 104), “na sua gênese e na sua realização, a literatura aponta sempre para o que falta, no mundo e em nós. Ela empreende dizer as coisas como são, faltantes, ou como deveriam ser, completas. Trágica ou epifânica, negativa ou positiva, ela está sempre dizendo que o real não satisfaz”. Nesse sentido, para Deleuze (1997, p. 5) a literatura “[...] consiste em inventar um povo que falta”. Podemos dizer, que a realidade não nos basta, sempre há uma falta, e obra literária possibilitaria suprir as nossas lacunas diante das realidades vivenciadas e/ou apontar como deveriam ser.

Por fim, pensamos na literatura como um trabalho que exige dedicação, tempo, revisão, e se tornou evidente que as palavras que emanam da escritora alagoana são calculadas poeticamente. A obra tem uma intencionalidade e Vilela escolhe artefatos para exprimir a percepção que tem da realidade, assim sendo, a escrita literária pode abarcar sentidos múltiplos. Dessa maneira, a relação entre a autora e a criação artística é bastante complexa, a realidade captada pela artista está fundamentada na palavra, e a linguagem artística permeia entre esse mundo que é visto e um mundo que é criado por essa visão.

4.2. O Baú: o guardador da literatura

O *TEXTO 14*, de *Empresta-me os bilros*, último conto do livro, apresenta uma singularidade, já que é nele que a narradora-personagem ganha o baú de presente, assim, o frisamos nesse último tópico. O baú carrega sentidos diversos para o universo literário, ele guarda a memória e o passado nunca morre na literatura, visto que a tradição literária permanece viva até nas obras contemporâneas. Além disso, ele representa o mistério, o guardador dos tesouros, de tudo que tem valor, as palavras igualmente, que saem do interior do baú é como diamantes que precisam ser lapidadas pelo olhar do garimpeiro das palavras.

Frequentemente em **Grande Baú, a infância**, as narrativas se apresentam como lembranças da infância da protagonista, “mas tudo passou. A infância passou, as pessoas passaram” (VILELA, 2015, p. 67). A narradora por meio da linguagem volta a ser menina e descobrir o interior do baú é descobrir o seu próprio interior e a sua história. Acentuamos que os contos de Arriete Vilela são metacontos, a palavra que fala sobre a palavra, a voz que ecoa da menina nos faz notar que a literatura exerce uma importância para o seu contexto, parecendo-nos que as próprias memórias da escritora alagoana são costuradas a narrativa.

Compreendemos que em muitos contos dessa obra, a narradora-personagem expôs a sua imaginação criadora, inventando histórias para imagens simples do seu dia a dia, de detalhes que chamavam a sua atenção, simbolizando a percepção poética, na medida em que “o artista da palavra tem uma sensibilidade mais apurada do que a do comum das gentes, e essa acuidade mobiliza-lhe a criação progressora” (PROENÇA FILHO, 2007, p. 46). Por esse viés, dizemos que um dos espaços que está ligado à literatura é a liberdade, as palavras são como massas de modelar a disposição do artista, é assim que ressaltamos a reconstrução da história da personagem protagonista por meio da linguagem poética, essa sensibilidade provoca a criação literária.

Pensando no *TEXTO 14*, a narrativa se inicia com um grande desejo da menina, que agora, soa vivo na reminiscência de uma mulher “quando criança, ano após ano desejei um Natal de paz. Mas sentia, na minha alma sempre sobressaltada, que pai e mãe dificilmente se dariam trégua, nem mesmo nos dias da mais importante celebração da humanidade” (VILELA, 2015, p. 124). Com essa ânsia em seu coração, mas com tantas decepções de anos, algo diferente acontece nesse natal, como se fosse uma luz em meio à escuridão, “então, num dos dezembros da minha infância, aconteceu de chegar da capital uma irmã da minha avó. Surpresa e comoção da família” (VILELA, 2015, p. 125).

Por causa disso, dois mundos se abrem para a menina,

À medida que dezembro ia passando, dois mundos muitos diversos aconteciam à minha volta: o da minha casa, com o pai e mãe a esfalfar-se em inúteis e renovadas brigas, e o da casa da minha avó, iluminado agora com a presença da visitante alegre (VILELA, 2015, p. 125).

O mês de dezembro é bastante significativo culturalmente, um tempo de renovação, de festas, de reunião familiar, de fé, há no próprio conto a representação do espaço do sagrado, o nascimento do menino Jesus. “Eu queria, ao menos no Natal, uma trégua. Um pouco de paz. O sossego da lapinha: Pai e Mãe velando o sono do Menino” (VILELA, 2015, p. 124). Nesse

conto houve também um nascimento, o nascimento da literatura que já fazia parte da menina, mas que agora ficava mais evidente com a figura do baú.

Foi um momento de reconstrução para a personagem “eu estava absolutamente encantada com aquela mulher. Pela primeira vez em toda a minha vida, pude constatar uma verdade muito simples: a existência da felicidade, da paz, da alegria” (VILELA, 2015, p. 126). Com a presença dessa tia, os seus anseios começaram a se concretizar, pela primeira vez os pais viviam em plena harmonia, sem brigas, todos estavam simbolizando um presépio humanamente vivo.

De acordo com Dantas (1999, p. 6),

Os textos, assim, buscam, recompor uma história, não como tentativa de recuperar o tempo perdido, mas como uma autoanálise, como mergulho nas próprias feridas, como busca de entendimento de situações dolorosas e incomodamente presentes, como esforço para arrancar as farpas que o passado fincou na alma da narradora-personagem.

Visitar o passado desarmonioso não é uma tarefa fácil, mas a escrita literária consegue criar um novo sentido para essa volta. A infância e tudo que ela abarca, como as brigas dos pais, a avó distante, tornaram-se artefatos para que a narradora tecesse a sua literatura. Entre a solidão e o trágico de uma meninice marcada por dores na alma, a obra nos coloca diante de outra realidade, a realidade da própria literatura e como ela cria para a narradora uma nova forma de enxergar o mundo. A fantasia reconduz para enxergar a si mesmo e o seu passado, e no tempo atual da narrativa propõe para aquela menina já mulher novos sentidos para o que antes não conseguiu viver.

Vilela pautada na tradição literária sabe usar a forma para representar esse mundo lacunoso, o baú simboliza a própria infância, espaço esse cheio de dor, fascinação, sonhos, medos que servem como subsídios para o fazer literário, e desse modo, a produção literária reinventa o real.

Hoje a tia-avó brilha noutra dimensão. E nos meus momentos de solidão criativa, às vezes tomo do baú de pouco mais de dez centímetros, abro-o com delicadeza e olho o seu interior. De lá, então, retiro lembranças que me proporcionam o melhor dos entretenimentos: a minha literatura (VILELA, 2015 p. 127).

Nessa perspectiva, o passado vai se apresentar como um momento de desencontros familiares, mas também de reconstituição, ir até o fundo do baú, simboliza um grande passo da personagem que vive em meio aos conflitos interiores. A literatura é um conflito entre eu e o mundo, e no dizer de Paz (1982, p. 43) “a palavra é uma ponte através da qual o homem

tenta superar a distância que o separa da realidade exterior”. Dessa maneira, só a expressão literária pode permitir uma fuga e resgatar os destroços que ficaram no seu percurso infantil, vemos que a narrativa é povoada de farpas que foram introduzidas metaforicamente em sua história, e a palavra poética é que pode arrancar essas farpas, além disso, a voz fragmentada, a voz não ouvida da menina passa a ter outro alcance na escrita literária.

Podemos ver que a infância carrega uma atmosfera poética, o retorno a essas vivências, aos pais, ao mistério da avó, imbricados no momento de solidão permite retirar todas essas lembranças do seu íntimo e construir a sua literatura, pois o escritor briga só com os seus fantasmas e não pode fugir de quem ele é, de seu percurso, apesar de ter a liberdade de criar outras histórias.

Para Cruz (2011, p. 155), “na lírica de Arriete Vilela a palavra e memória são elementos basilares”. Desse modo, encontramos na escritora alagoana, uma volta significativa para a infância, para um lugar da memória que marcam as suas obras. Esse baú guarda todas as recordações, todos os acontecimentos alegres e tristes que marcaram a trajetória da personagem, ela agora, pela fantasia, pode entrar no espaço metafórico do baú para reescrever a sua vida, permitindo esse regresso aos anos marcados pelos desafetos, como também pelo fascínio misterioso de seguir a avó.

Ainda para Dantas (1999, p. 5),

Utilizando-se, pois, de material retirado da própria infância desarmoniosa, a narradora desenvolve o processo de recomposição da história de sua vida, que exige uma persistente e corajosa capacidade de enfrentar e dominar, através da linguagem literária, uma realidade que persiste como dor e frustração.

Posto isso, entendemos que a prosa poética arrietiana nos leva a refletir sobre as memórias da aurora, as narrativas fazem parte de um tempo deslocado, dado que se trata de lembranças da narradora, concluimos que as marcas, que os destroços não foram retirados com o tempo, só o encontro com o baú, com a escrita, se torna possível ir ao âmago da vida para construir novos sentidos.

Não só a história da personagem pode se transformada, nós também podemos ser provocados pelas obras literárias. O baú ressignificado está além de ser um mero objeto de guardar coisas, ele absorve para si toda uma realidade lacunosa que existe em nós, porém que muitas vezes queremos esconder, a meninice é o marco das fantasias, poder entrar no discurso poético da infância é um momento sublime de autoconhecimento.

Portanto, o baú é uma importante metáfora para falarmos sobre a literatura, o sentido de guardar, preservar, são necessários no contexto literário que carrega em si amplas significações. A narradora ao abrir o baú e tirar o seu maior entretenimento reflete o ofício de todo artista da palavra, a palavra literária nasce de uma tradição, num diálogo com vários textos, do mesmo modo, quem escreve pode retirar do seu baú novas formas de se pensar a arte. Enfim, inúmeras vezes utilizamos o termo palavra, pois é assim que sentimos Arriete Vilela, uma voz que se traduz pela Palavra.

Com efeito, somos afetados pela literatura, o novo, o impacto, tudo acontece por meio dela. Entrar no universo literário é um caminho árduo, um simples vocábulo pode ganhar amplos sentidos, e mais que isso, o encontro com a obra literária pode significar um encontro nós mesmos. Ademais, dentro do baú estavam guardados escombros, a infância é esse grande baú, só a menina podia ter acesso a ele, e ir ao fundo dele, resgatar todas as memórias dolorosas só é possível pela fantasia, então a escrita poética a permitiu transformar os seus avessos e permite os nossos também.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adentrar no universo da literatura é um caminho sem volta, a escrita literária tem a capacidade de nos prender, desencadeando perguntas e nos desafiando a refletir sobre o mundo contraditório e artístico no qual fazemos parte, especialmente quando a examinamos é praticamente impossível passar por essa chuva poética sem nos molhar. A experiência de pesquisa é bastante significativa, espaço que não nos deixa ser os mesmos, pois cada obra literária que nos provoca, que nos tira da zona de conforto, permite-nos repensar a nossa própria vida.

A linguagem artística nos seduziu, por isso o período de investigação, embora seja sempre um percalço, representou também um percurso de reconstrução, de reconhecimento do lugar, e o nosso lugar é onde a Palavra se faz presente. Cada autor pesquisado, todos os textos lidos, significou um encontro de pesquisa e também poético. Dessa forma, ressaltamos a importância da literatura nesse tempo caótico e insatisfatório, que nos retira do imediato, da nossa ilha e nos põe em contraste com as realidades que vivenciamos.

Tocar os textos de Arriete Vilela nos faz perceber como a linguagem é detentora de amplos significados, uma vez que mergulhar nesses escritos é se lambuzar de uma poesia que fala de nós, os espaços da narrativa e dos versos nos faz adentrar nas nossas histórias. A escrita literária extrapola os limites de espaço e tempo, é isso que acontece com a linguagem arrieteana, uma produção poética que abarca todas as pessoas, que toca na sensibilidade humana e que sempre tem algo a nos dizer. A literatura da escritora deodorense é permeada de uma escrita suave, como também densa, apaixonante, desestabilizadora, mostrando-nos o quanto a estética literária pode mexer internamente com cada um de nós.

Salientamos a necessidade de compreender o papel da nossa história literária, de analisar os caminhos trilhados que foram importantes para a concretização de uma literatura sólida presente não só no passado, como também concretizada na contemporaneidade. Contemplar as obras literárias do nosso local revigora o nosso desejo de colocar em visibilidade as vozes que tanto nos fala. Assim, Arriete Vilela é uma voz que canta a sua terra, mas que se estende para o universal.

As palavras são como flores no jardim da poeta, no qual ela pode colher as que mais chamarem a atenção do seu olhar, e também exige o cuidado para que a flor não morra. Dessa forma, a Palavra não morre nas mãos cuidadosas da escritora alagoana, porque a flor representa bem a singeleza de sua escrita, repleta de imagens poéticas que tanto nos tocam. Podemos dizer, então, que a obra literária não perde o seu valor no tempo, não abarca apenas

um traço cultural, ela se constitui firme e atemporal, como se mostra em **Grande Baú, a infância**.

O encontro com essa obra se projetou em um mergulho nas próprias imaginações, no sentido de Bachelard (1988) que povoam também a nossa infância. Falar das memórias desse tempo por meio da linguagem poética é um caminho escorregadio, mas sempre vale a pena correr os riscos. Percebemos que esse tema é um dos pontos altos em cada escrito de Vilela, seja poema, seja narrativa, as lembranças da infância estão entrelaçadas. E a meninice é o marco da imaginação criadora e que pode deixar os maiores traumas, poder adentrar nesse discurso poético é um momento sublime de autoconhecimento, sendo que a escrita arrieteana toca em nossos dilaceramentos interiores pela força grandiosa da semântica que se faz presente em suas palavras literárias.

Reconhecendo a literatura como um lugar que gera resultados e produz conhecimentos, ela se apresenta diante de nós como um desafio que merece ser aprofundado, que nos permite refletir sobre o mundo, sobre a complexidade dos seres, e todas essas coisas encontramos em quem é artífice da linguagem. Postos diante de uma linguagem desestabilizadora, sedutora, repensamos o nosso contexto e a escrita arrieteana, fígados pela palavra poética, essa pesquisa simboliza uma relação amorosa com a arte literária.

Reverberamos a importância do Núcleo de Estudos em Literatura Alagoana (NELA) para a tessitura desse trabalho, que reflete um penetrar em obras que vivamente fala de nós. A nossa tradição, a nossa identidade se mostraram como um campo antes desconhecido e colocar essas obras e esses escritores e escritoras em evidência se tornaram nosso anseio. O grupo de estudo evidenciou a singularidade da literatura e nos mostrou caminhos necessários para o processo de escrita, como o de saborear e o de examinar os poemas e as narrativas, foram experiências que marcaram o nosso olhar crítico para a arte literária.

Essas considerações não simbolizam um fim, mas sim começos para se pensar em futuras pesquisas, pois a obra literária nunca se esgota. Por isso, **Grande Baú, a infância** e todas as outras obras arrieteanas continuarão abertas a novos olhares, assim se estendendo para outros espaços. Ademais, a presente monografia procurou contribuir na valorização e reconhecimento da literatura alagoana no *Campus* do Sertão.

Nessa perspectiva, o nosso trabalho reafirma a voz da escritora Arriete Vilela, e ansiamos que demais estudantes se lancem a conhecer e investigar a nossa produção literária. Percebemos a necessidade de estudos que evidenciem o novo perfil dessa literatura, que também se apresenta com muitas possibilidades de análises, reconhecendo a força da palavra poética e da nossa identidade.

REFERÊNCIAS

BACHELARD. **A poética do devaneio**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. 3. ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BRANDÃO, Izabel (org.). Apresentação. In: **Entre o amor e palavra: olhar(es) sobre Arriete Vilela**. Maceió: Edições Catavento, 2001.

BOMFIM, Edilma. Clandestinidade e erotismo: a fala da paixão. In: BRANDÃO, Izabel (e outros). **Entre o amor e a palavra: olhar (es) sobre Arriete Vilela**. Maceió: Edições Catavento, 2001.

BOSI, Alfredo. A poesia é ainda necessária? In: **O ser e o tempo da poesia**. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

_____. O encontro dos tempos. In: **O ser e o tempo da poesia**. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

_____. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CHALITA, Solange Lages. Introdução. In: VILELA, Arriete. **Fantasia e avesso**. 3. ed. Maceió: A. VILELA, 1994.

COMPAGNON, Antoine. O mundo. In: **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

_____. **Literatura para quê?**. Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CRUZ, Antonio Donizeti da. **Palavra poética e cartografias da memória em Arriete Vilela**. Paraná: 2011. Disponível em: <<http://revistatextopoetico.com.br/index.php/rtp/article/viewFile/61/57>>. Acesso: Jan/ 2019.

DANTAS, Carmem Lúcia. Apresentação. In: VILELA, Arriete. **Dos destroços, o resgate**. 2. ed. Maceió: A. VILELA, 1999.

DELEUZE, Gilles. A Literatura e a vida. In: **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

GILSON, Étienne. **Introdução às artes do belo**: o que é filosofar sobre a arte? Trad. Érico Nogueira. São Paulo: É realizações, 2010.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Cursos de Estética**. Trad. Marco Aurélio Werle; Oliver Tolle; Consultoria Victor Knoll. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto não ficcional. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**. Vol. 2. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

IVO, Lêdo. **Confissões de um poeta**. São Paulo: DIFEL, 1979.

JOUBE, Vicente. **Por que estudar literatura?** Trad. Vicente Joube; Marcos Bagno; Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MAGALHÃES, Belmira. Bordando a vida na raiz da palavra. In: BRANDÃO, Izabel (e outros). **Entre o amor e a palavra**: olhar (es) sobre Arriete Vilela. Maceió: Edições Catavento, 2001.

MASSAUD, Moisés. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2009.

PAIM, Brisa. **a morte de paula d**. Maceió: EDUFAL, 2009.

PAIXÃO, Fernando. Poema em prosa: problemática (in) definição. In: **Revista brasileira**. 75.II. Book. Indb. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/media/Revista%20Brasileira%2075%20-%20PROSA.pdf>>. Acesso: Fev/2019. (p. 151-162)

PAZ, Octávio. Poesia e Poema. In: **O arco e a lira**. 2. ed. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores da escrivantina**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Ática, 2007.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. 46. ed. Col. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SANTOS, Elaine Cristina Rapôso dos. **A poesia de Arriete Vilela**: diálogos entre Mnemosine e Lete. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/1751>. Acesso: 10 Jan/2019.

SILVA, Márcio Ferreira da. Arriete Vilela: o labirinto poético de arame farpado. **Gazeta de Alagoas**. Saber. 01 nov. 2014. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=254808>>. Acesso: Abr/2019.

TEIXEIRA, Ivan. **O Formalismo Russo**. Cult. Fortunas Críticas 2. Ago./1998. Disponível em: http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/Formalismo-Russo_Ivan-Teixeira-1.pdf. Acesso: Ago/2018.

TODOROV, Tzvetan. O que pode a literatura?. In: **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VILELA, Arriete. **Grande baú, a infância**. 3. ed. Maceió: EDUFAL, 2015.

_____. **Fantasia e avesso**. 3. ed. Maceió: A. Vilela, 1994.

_____. **Maria Flor etc**. 2. ed. Maceió: Grafmarques, 2002.

_____. Ávidas paixões, áridos amores. In: **Poesia reunida**. Maceió: Poligraf, 2010.

_____. O ócio dos anjos ignorados. In: **Poesia reunida**. Maceió: Poligraf, 2010.

_____. **Teço-me**. Maceió: Poligraf, 2014.

VILELA, Luiz. Françoise. In:_____. **Amor e outros contos**. Erechim, RS: Edelbra, 2009.